

Trabalhos
selecionados no
IV CONCURSO
LITERÁRIO

RACHEL DE QUEIROZ

"Olhares de jovens passo-fundenses"



Academia Passo-Fundense de Letras

Marilise Brockstedt Lech
Sueli Gehlen Frosi
(organizadoras)

RACHEL DE QUEIROZ

"Olhares de jovens passo-fundenses"



Academia Passo-Fundense de Letras

**Marilise Brockstedt Lech
Sueli Gehlen Frosi
(Organizadoras)**



Berthier

Passo Fundo | 2011

2011, Academia Passo-Fundense de Letras

Academia Passo-Fundense de Letras

Av. Brasil Oeste, 792

99.010-100 | Passo Fundo - RS

Organização: Marilise Brockstedt Lech e Sueli Gehlen Frosi

Apoio: SEDEC - Secretaria Municipal do Desporto e Cultura

Editores Gráficos: Referência Comunicação e Marketing

Tiragem: 300 exemplares

A168r Academia Passo-Fundense de Letras

Rachel de Queiroz : olhares de jovens passo-fundenses /
organizadoras Marilise Brockstedt Lech, Sueli Gehlen Frosi. –
Passo Fundo : Berthier, 2011.

68 p. : il. ; 25 cm.

Obra resultado do IV Concurso Literário da Academia
Passo-Fundense de Letras, denominado: Rachel de Queiroz –
a dama da literatura brasileira, realizado com alunos do ensino
médica de escolas públicas e particulares da cidade de Passo
Fundo.

1. Literatura brasileira – Concursos. 2. Ficção brasileira –
Coletânea. 3. Queiróz, Rachel de, 1910-2003. I. Lech, Marilise
Brockstedt, coord. II. Frosi, Sueli Gehlen, coord. III. Título.

ISBN 978-85-7912-065-7

CDU: 869.0(81)-1/-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



Academia Passo-Fundense de Letras

Fundada em 07 de Abril de 1938

SUMÁRIO

1. Apresentação	. 5
2. A APL e seu compromisso com a juventude passo-fundense	. 7
3. Prefácio	. 9
4. Palavra do Secretário Municipal do Desporto e Cultura	. 11
5. Palavra da Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras	. 13
6. Histórico da Academia Passo-Fundense de Letras	. 15
7. Hino oficial da Academia Passo-Fundense de Letras	. 17
8. Nominata dos Patronos da APL e respectivos Acadêmicos	. 19
9. História dos Concursos Literários da APL	. 21
10. Projeto do IV Concurso Literário	. 23
11. Regulamento do IV Concurso Literário	. 25
12. Histórico das escolas participantes	. 27
12.1 Colégio Gama	. 27
12.2 Colégio Tiradentes de Passo Fundo	. 28
12.3 Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim Fagundes dos Reis	. 30
12.4 Escola Estadual de Educação Básica Monteiro Lobato	. 31
12.5 Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves	. 33
12.6 Escola Redentorista Instituto Menino Deus	. 33
12.7 Instituto Estadual Cecy Leite Costa	. 35
13. Trabalhos selecionados	. 37
13.1 Biografias	. 37
13.2 Resenhas de Livros	. 46
13.3 Análise de Crônicas	. 59
13.4 Poemas	. 65

1. Apresentação

A presente obra apresenta as produções literárias de alunos do Ensino Médio de escolas públicas e particulares da cidade de Passo Fundo, as quais foram selecionadas a partir da realização do IV Concurso Literário da Academia Passo-Fundense de Letras, denominado: “Rachel de Queiroz – a Dama da Literatura Brasileira”.

A escolha dessa grande romancista, cronista e jornalista brasileira, como a homenageada deste ano, justifica-se pela recente passagem do centenário de seu nascimento, e por ter sido a primeira mulher a ser empossada e, posteriormente, a presidir a Academia Brasileira de Letras. Considerada a “Dama da Literatura Brasileira”, essa cearense serviu de inspiração para as produções literárias de dezenas de jovens passo-fundenses.

Os textos que aqui apresentamos não são resultado exclusivo da competência dos alunos. São também fruto da dedicação de diretores, coordenadores pedagógicos e professores que, gentilmente, aceitaram o desafio de propor aos seus alunos do Ensino Médio a participação nesse IV Concurso Literário.

Com a finalidade de evidenciar os diferentes gêneros de escrita, optou-se por categorizar essas produções literárias em: biografias, resenhas, análise de crônicas e poemas, conforme poderão apreciar nos capítulos que seguem.

É com grande satisfação que a Academia Passo-Fundense de Letras cumpre seu compromisso social de incentivar a leitura e a produção literária, em seus diversos gêneros. Além disso, prima por valorizar o trabalho de consagrados autores nacionais, bem como a arte da escrita como meio de expressão dos jovens. Com isso, a APL aproxima-se da comunidade e assegura a expansão e o fortalecimento da cultura, promovendo a cidadania dos sujeitos que nela vivem e convivem.

Passo Fundo é uma cidade que esbanja talentos de todas as idades. Seja como apreciadores ou produtores de literatura, os passo-fundenses aguardam, bianualmente, a chegada do momento de realizar a já tradicional Jornada de Literatura que, neste ano, completa três décadas desde sua primeira e bem sucedida edição, sempre sob a batuta da incansável professora da Universidade de Passo Fundo, Dra. Tânia Rösing.

Neste ano de 2011, vivenciaremos a 14ª edição da Jornada e, paralelamente a esse grande evento, acontecerá a realização do I Simpósio Internacional de Literatura Infanto-Juvenil, com vistas a um pensamento mais

crítico. Assim, a Academia Passo-Fundense de Letras oferece sua contribuição a tão fundamental tarefa de incentivar o gosto pela leitura, produzindo mais esta significativa obra.

Queremos externar de público o nosso agradecimento, pelo incondicional apoio da Sedec (Secretaria do Deporto e Cultura), na pessoa do Secretário Alex Necker, que viabilizou a editoração da obra, demonstrando assim sua dedicação à comunidade, além de engrandecer o governo do atual Prefeito, Airton Lângaro Dipp, a quem também dirigimos nosso reconhecimento.

A Academia Passo-Fundense de Letras agradece ainda à 7ª Coordenadoria de Educação que, na pessoa de sua titular, professora Marlene Silvestrin, apoiou a divulgação do concurso entre as escolas estaduais, além de tão brilhantemente prefaciá-lo este livro.

Por fim, consideramos que escrever é a arte de dar forma ao pensar. Um ato que organiza e traz segurança, pois o caótico das ideias flutuantes dá lugar à ordem, o que pode ajudar nossos jovens a se tornarem mais conscientes e aptos a exercer sua cidadania. Mesmo sendo um dom natural, acreditamos que a capacidade de escrever pode tornar-se uma habilidade adquirida. Nesse sentido, a APL orgulha-se de oportunizar espaço aos jovens passo-fundenses, para que dêem luz a seus pensamentos e inspirações.

Marilise Brockstedt Lech e Sueli Gehlen Frosi

Acadêmicas da APL (Cadeiras nº 39 e 17)

Organizadoras do IV Concurso Literário da entidade



Comissão julgadora do IV Concurso Literário, reunida no dia 08/07/2011, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, e constituída pelos acadêmicos: Marilise Brockstedt Lech, Helena Rotta de Camargo, Elisabeth Souza Ferreira (Presidente da APL), Santina Rodrigues Dal Paz, Sueli Gehlen Frosi e Odilon Garcez Aires (foto), além de Rogério Moraes Sikora e Welci Nascimento.



2. APL e seu compromisso com a juventude passo-fundense



Há evidências de que somos mais felizes e capazes de desenvolver-nos na medida em que estamos seguros e sabendo que, ao nosso lado, existem pessoas que torcem e acreditam em nossas potencialidades.

Foi com o intuito de apostar no potencial juvenil, que lançamos o Concurso Literário da Academia Passo-Fundense de Letras.

Acreditamos ter sido, neste concurso, o elo entre a juventude e a literatura, quando fornecemos uma base para que produzissem, lessem, pesquisassem e, para nossa alegria, enviassem com confiança sua produção.

A base de que falamos é a produção de Rachel de Queiroz, a escritora, cronista, poeta, jornalista, romancista, que produziu sua obra de forma magistral em cima do que sentia. Foi notável por fazer uma análise do seu tempo e por criar personagens sem o ranço de ideologias, mas criticando de forma direta e até, como dizem alguns, de forma ingênua, a sociedade do século XX.

Temos muito prazer em reconhecer que esta geração, considerada nativa da tecnologia, é capaz de concentrar-se, mesmo fazendo muitas coisas ao mesmo tempo e de forma rápida demais, para nossos olhos adultos. Consideramos nossos jovens altamente competentes e queremos manter com eles relações gratificantes, pois temos a expectativa de aprender, ao mesmo tempo em que continuamos sendo a referência de que tanto necessitam.

Pretendemos ser figuras adequadas, dispostas e aptas a proporcionar-lhe pistas, sem exigências excessivas, mas de forma desafiadora. Queremos funcionar como um útero que gesta com carinho o nascedouro de talentos e de sonhos. Queremos acalentar e dar suporte às expectativas intelectuais de nossos moços e moças, criando um ambiente facilitador, que cuida, incentiva, ama, faz crescer.

Acreditamos que os colaboradores desta obra são líderes de sua geração, pois demonstraram capacidade de contribuir com generosidade, de mostrar autoconfiança suficiente e capacidade de confiar, percebendo que oferecemos apoio sólido e respeito para alicerçarmos seus sonhos.

Enfim, queremos ser uma base capaz de libertar nossos jovens talentos, a fim de que continuem sua caminhada rumo a sua vocação, a sua felicidade e à liberdade de expressar seus pensamentos.

Sueli Gehlen Frosi

Membro da Comissão Organizadora do IV Concurso Literário
Acadêmica da APL | Cadeira número 17

3. Prefácio



A cidadania tem um vínculo direto com o processo de educação do sujeito que, como todos sabemos, não se faz apenas na escola, muito embora ela seja a instituição privilegiada nesse sentido. E, falar em educação, remete diretamente à questão da leitura. Portanto, quanto mais competente for o sujeito em termos de leitura, mais poder de transformação social e mais capacidade de ler o seu próprio mundo e modificá-lo, ele terá, com plena visão de seus direitos e deveres e da sua importância na escolha dos governantes, bem como no julgamento que faz deles. Isso é cidadania.

Daí a relevância de iniciativas como esta, da Academia Passo-Fundense de Letras que por meio do IV Concurso Literário – numa ação integrada com as escolas públicas e privadas de Passo Fundo, incentiva a consolidação do hábito de leitura, moldando o espírito dos jovens e preparando-os para a aventura consciente da vida adulta, com todos os seus desafios, problemas e incertezas.

Especialmente feliz foi a opção por trabalhar com a obra de Rachel de Queiroz, provocando, como o título anuncia, os “olhares de jovens passo-fundenses”. E, quando a classifico como uma escolha feliz, faço-o pautada em três aspectos: em primeiro lugar, pela qualidade inegável de Rachel de Queiroz, enquanto romancista, contista, tradutora e jornalista; em segundo lugar, pelo viés social que tanto marcou a sua obra e a sua vida particular, inclusive como militante política, fato esse que a levou a ser considerada uma das maiores – se não a maior – ficcionistas sociais brasileiras; em terceiro lugar, pela sua determinação e coragem em romper barreiras, num mundo até então excludente para as mulheres, tendo sido a primeira a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Enfim, este novo trabalho da Academia Passo-Fundense de Letras nasce com o mérito de unir a obra de uma grande escritora, como Rachel de Queiroz, com a nobreza da tarefa de formar leitores e, por consequência, forjar cidadãos.

A APL está de parabéns. Os alunos, cujos textos aparecem neste trabalho estão de parabéns. A comunidade passo-fundense está de parabéns. Um futuro mais digno e justo começa a desenhar-se com ações deste tipo.

Marlene Silvestrin

MARLENE SILVA SILVESTRIN

Coordenadora Regional de Educação, 7ª CRE – Passo Fundo/RS



4. Palavra do Secretário Municipal do Desporto e Cultura



A arte do ler e do escrever se constituem em algo imprescindível para a formação do ser humano como agente transformador da sua realidade.

Neste contexto se faz necessário enaltecermos todas as iniciativas que tem como objetivo incentivar a leitura e a produção textual, em especial aquelas iniciativas que buscam atuar com o público jovem. Desta forma, o concurso literário Rachel de Queiroz: “olhares de Jovens passo-fundenses”, cumpre excepcional papel, tendo como público alvo os alunos da nossa rede escolar de educação, fazendo-os assumir o desafio de escrever sobre a obra desta importante escritora.

Certamente teremos um conjunto de textos que representarão, com muita grandeza, um pouco daquilo que nossos jovens tiveram como acúmulo na sua recente e continuada vida escolar, que engrandeceram em muito a passagem destes jovens pelos bancos escolares.

Também é necessário dizer que a Academia Passo-Fundense de Letras - APL demonstra que é uma instituição atenta a vida da sua comunidade, cumprindo o papel de, não somente debater seus assuntos internos e reunir seus membros, mas também de esticar seus braços e suas ações ao conjunto das demais instituições e também dos mais variados setores da nossa sociedade. Cumprindo assim o verdadeiro papel das instituições que estão voltadas para o desenvolvimento da sua comunidade sendo, por assim dizer, uma entidade viva.

Parabéns a Academia Passo-Fundense de Letras, a todos seus acadêmicos, aos alunos, as direções de escola e aos seus professores. Este que é o IV Concurso Literário, certamente cumprirá importante papel para a continuidade desse projeto, bem como, para o seu crescimento e ampliação.

Alex Necker

Secretário Municipal do Desporto e Cultura

5. Palavra da Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras



A Academia Passo-Fundense de Letras tem promovido, nos últimos anos, a realização de Concursos Literários voltados aos alunos das Escolas Municipais e Estaduais, bem como dos Colégios Particulares de nossa cidade. Visa com isso uma aproximação maior entre os escritores locais e os escritores em potencial, que se encontram distribuídos nos mais diferentes estabelecimentos de ensino.

É na idade escolar que despontam os grandes talentos. Sabedores disso, os acadêmicos estão em busca dos jovens que gostam de escrever; que se destacam entre os demais pelas ideias próprias que cultivam e que se esmeram em produzir textos de significativo valor.

A criança que rabisca hoje numa folha de papel, e o adolescente que agora digita os seus sonhos e os seus sentimentos no computador, poderão trazer dentro de si a semente que transformará a fantasia em realidade, bem como o desejo de desenvolver a escrita e a arte de apresentar num futuro próximo, uma nova obra publicada. É assim que nasce um escritor.

A Academia Passo-Fundense de Letras não quer apenas ter a fama de possuir em sua fachada a porta mais alta do interior do Estado, mas, principalmente, ser “a Porta” que se abre a todos os que tiverem vontade de viver a arte da literatura e “o Farol” que ilumina e aponta o caminho certo, para os que navegam sem rumo, sem saber por onde começar.

O presente livro foi organizado a partir dos textos e poemas de alguns alunos que tiveram a coragem e a determinação de mostrar ao público os seus trabalhos, inscrevendo-os no IV Concurso Literário da APL, lançado no início desse ano, homenageando Rachel de Queiroz.

Parabéns a todas as escolas que participaram; a todos os mestres que incentivaram, a todos os pais que compreenderam o objetivo deste Concurso e a todos os alunos que concorreram.

Desejo sucesso aos escritores iniciantes do presente, que poderão vir a ser alguns dos grandes escritores do amanhã.

Elisabeth Souza Ferreira

Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras
Passo Fundo, agosto de 2011



Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras - 1961

Em pé: Carlos D. Quadros, Pindaro Annes, Jurandir Algarve, Sabino Santos, Mário Lopes,
Paulo Giongo, Gomercindo dos Reis e Mário Braga.

Sentados: Saul Sperry, Túlio Fontoura, Celso Fiori, Arthur Ferreira Filho, José Gomes,
Verdi de César e Arthur Sussemback.



6. Histórico da Associação Passo-Fundense de Letras

A história da APL começou em 1889. Logo após a Proclamação da República, Gervásio Lucas Annes fundou, em Passo Fundo, o Partido Republicano.

Quinze anos depois, no dia 16 de março de 1904, membros desse partido fundaram o Clube Pinheiro Machado, entidade política, recreativa e cultural.

Em 31 de maio de 1915, o clube escriturou um terreno comprado de Herculano Trindade e sua esposa, Lucinda Lima Trindade, na atual Avenida Brasil, entre as atuais ruas Teixeira Soares e Quinze de Novembro. Em comemoração ao ano, também foi inaugurado o prédio-sede. No frontispício, todavia, figura, ainda hoje, esta inscrição: MCMXII.

Com o advento do Estado Novo, em 1937, e a consequente passagem dos partidos políticos à clandestinidade, o clube não tinha mais razão de ser.

Foi então que remanescentes daquela entidade política, recreativa e cultural, juntamente com uma plêiade de cultos cidadãos de Passo Fundo, no dia 07 de abril de 1938, fundaram o Grêmio Passo-Fundense de Letras, que assumiu de fato o Clube, sendo na oportunidade eleita a diretoria provisória.

Desta reunião participaram os seguintes intelectuais: Sante Uberto Barbieri, Arthur Ferreira Filho, Gabriel Bastos, Tristão Feijó Ferreira, Aurélio Amaral, Odette de Oliveira Barbieri, Celso da Cunha Fiori, Pedro Silveira Avancini, Herculano Araújo Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando de Souza Kanters, Túlio Fontoura, João José Boeira Guedes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Verdi De César, Daniel Dipp, Antônio Athos Branco da Rosa, Heitor Pinto da Silveira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Onildo Gomide, Píndaro Annes, Waldemar Camilo Ruas, Lucila Schleder e Oscar Knaipp.

A diretoria provisória ficou assim constituída: presidente Arthur Ferreira Filho; vice-presidente: Gabriel Bastos; secretário geral: Sante Uberto Barbieri; primeiro secretário: Verdi De César; segunda secretária: Lucila Schleder; tesoureiro: Daniel Dipp; bibliotecário: Antônio Athos Branco da Rosa.

Passados trinta e três anos, no dia 07 de abril de 1961, o Grêmio Passo-Fundense de Letras transformou-se em Academia Passo-Fundense de Letras, ficando assim constituída sua primeira diretoria, Presidente: Celso da Cunha Fiori; vice-presidente: Túlio Fontoura; 2º vice-presidente: Mário

Braga Junior; secretário geral: Arthur Sussenbach; sub-secretário: Paulo Giongo; tesoureiro: Verdi De César; tesoureiro-adjunto: Rômulo C. Teixeira; Bibliotecário: Gomercindo dos Reis.

Em 18 de novembro de 1971, os sócios remanescentes do Clube Pinheiro Machado voltaram a se reunir para uma última assembleia-geral. Na ocasião, por unanimidade, decidiram doar o ativo e o passivo da extinta agremiação à Academia Passo-Fundense de Letras. Em 17 de dezembro do mesmo ano, foi lavrada a escritura pública de doação. A Academia, de direito, assumia a sede do extinto Clube.

O prédio da APL, entre 1929 a 1932, serviu de espaço para a formação de professores, e viu instalar-se a Escola Complementar, precursora da Escola Estadual de Ensino Médio Nicolau de Araújo Vergueiro.

A Academia Passo-Fundense de Letras, ao longo de sua história, promoveu concursos literários, publicou anuários e participou ativamente da vida educativa e cultural do município, auxiliando, também, na idealização da Universidade de Passo Fundo.

Atualmente, a Academia possui 40 membros. Em 2010, ingressaram na APL: Carlos Madaloso, Diógenes Basegio, Elmar Luiz Floss, Marilise Brockstedt Lech, Mauro Galietti, Odilon Garcez Ayres e Sueli Ghelen Frosi. Foi, até o momento, último grupo de escritores que ingressou na APL.

A atual diretoria é composta dos seguintes acadêmicos:

Elisabeth Souza Ferreira (Presidente)
Santina Rodrigues Dal Paz (Vice-Presidente)
Paulo Monteiro (Secretário Geral)
Dilse Piccin Corteze (1ª Secretária)
Rogério Moraes Sikora (2º Secretário)
Osvandré Lech (1º Tesoureiro)
Alberto Antônio Rebonatto (2º Tesoureiro)
Selma Costamilan (Presidente do Conselho Fiscal)
Juarez Azevedo (Relator)
Pedro Ari Veríssimo da Fonseca (Conselheiro)
Getúlio Vargas Zauza (1º Suplente)
Daniel Viuniski (2º Suplente)
Marco Antônio Damian (3º Suplente)

Santina Dal Paz
Vice-presidente da APL

7. Hino oficial da Academia Passo-Fundense de Letras



Letra: Acadêmica Helena Rotta de Camargo

Música: Mirtes Helena Roman

1 - Por Deus predestinada a ser semente,
florindo em versos, teses e canções.
Cultura e educação com legenda,
traçaste o rumo a muitas gerações.

Refrão: Academia de Letras,
de vultos e de ideais,
que o nome de Passo Fundo
hás de exaltar sempre mais.



2. O manto protetor da liberdade,
a fé de um povo obreiro e lutador,
forjaram teu destino, nesta terra,
marcada pelo brio e o destemor.

3. O trigo que farfalha pelos campos;
as matas que refrescam nosso ar;
nos teus fecundos anos de existência,
cumpriste tua missão de semear.



**Atual composição da
Academia Passo-Fundense de Letras**



8. Nominata dos Patronos da APL e respectivos Acadêmicos



Cadeira	Patrono	Acadêmico
01	Paulo Setúbal	Craci Dinarte
02	Darcy Azambuja	Jorge Alberto Salton
03	Alcides Maia	Marco Antonio Damian
04	Antonio Caldas Junior	Edgar de Oliveira Garcia
05	Euclides da Cunha	Dilse Piccin Corteze
06	João Maria Belém	Rogério Moraes Sikora
07	Oswaldo Cruz	Carlos Roberto Hecktheuer
08	Clóvis Bevilacqua	Eurípedes Facchini (f)
09	Paulo Correa Lopes	Alori Batista Castilhos
10	Monteiro Lobato	Elisabeth Souza Ferreira
11	Assis Chateaubriand	Antonio Augusto Meirelles Duarte
12	Antonio M. E. Guedes	Jurema Carpes do Valle (f)
13	Rui Barbosa	Carlos Alceu Machado
14	Gabriel Bastos	Milton Guimarães da Silva
15	Herculano Annes	Gilberto Cunha
16	Augusto dos Anjos	Getúlio Vargas Zauza
17	Ernani Fornari	Sueli Gehlen Frosi
18	Manoelito de Ornelas	Jabs Paim Bandeira
19	Antonio P. Guimarães	Pedro Ari Veríssimo da Fonseca
20	Simões Lopes Neto	Ricardo José Stolfo
21	Arthur Ferreira Filho	Daniel Viuniski
22	Olavo Bilac	Irineu Gehlen
23	Casimiro de Abreu	Welci Nascimento
24	Érico Veríssimo	Elmar Floss
25	Píndaro Annes	Francisco de Mello Garcia
26	Aurélio de Figueiredo Pinto	Selma Costamilan
27	Anna Luíza Ferrão Teixeira	Santo Claudino Verzeletti
28	Nicolau de Araújo Vergueiro	Osvandré Lech
29	Castro Alves	Romeu Gehlen
30	Machado de Assis	Alberto Antonio Rebonatto
31	Francisco Antonino Xavier e Oliveira	Mauro Gaglietti
32	Gomercindo dos Reis	Paulo Monteiro
33	Túlio Fontoura	Santina Rodrigues Dal Paz
34	Múcio de Castro	Juarez Nogueira de Azevedo
35	César Santos	Diógenes Luiz Basegio
36	Mário Quintana	Helena Rotta de Camargo
37	Josué Guimarães	Hugo Roberto Kurtz Lisboa
38	Tenebro dos Santos Moura	Odilon Garcez Ayres
39	Delma Rosendo Gehm	Marilise Brockstedt Lech
40	Dom Cláudio Colling	Carlos Antonio Madalosso

9. História dos concursos literários da APL



“Dos clássicos para os contemporâneos”

Quando, no dia 27 de agosto de 2007, a Academia Passo-Fundense de Letras recebeu os acadêmicos Marcos Vinícios Villaça e Domício Proença Filho, respectivamente, presidente e secretário-geral da Academia Brasileira de Letras, o sodalício local foi desafiado pelo dirigente maior da Academia Brasileira a se integrar às atividades em memória do centenário de falecimento do estilista de Quincas Borba.

Coube-me, no ano seguinte, como presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, a responsabilidade de liderar o cumprimento do desafio que nos propôs o presidente da Casa de Machado de Assis. E o fiz com o apoio de todos os acadêmicos, promovendo o concurso **Machado de Assis: 100 Anos de História**. Constituímos uma



comissão com diversos acadêmicos, montamos um projeto, discutido abertamente, e todos os acadêmicos em efetivo exercício colaboraram.

Assim, conseguimos mobilizar diversas escolas, públicas e privadas; recebemos trabalhos de excelente qualidade; premiamos os melhores, inclusive com a publicação em volume. Graças ao esforço de diversos acadêmicos – e com diversos deles – acompanhamos a vencedora do concurso, Débora de Marco Machado, e sua professora, Adriana dos Santos, que foram recebidas e homenageadas pelos imortais brasileiros na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Em 2009, duplicamos o concurso. Promovemos dois certames: **“Poeta Professor Antônio Domin: Poesias para alimentar a alma”**, para alunos de Ensino Fundamental, e **“Um século sem Euclides da Cunha”**, para alunos do Ensino Médio. Todos, absolutamente todos os acadêmicos, foram chamados a colaborar. E o fizeram participando em duas comissões, praticamente as mesmas do evento anterior. A primeira delas, organizadora, constituíram-na os acadêmicos Alberto Antonio Rebonatto, Dilse Piccin Corteze, Elisabeth Souza Ferreira, Gilberto Cunha, Jurema Carpes do Valle, Paulo Monteiro, Santana Rodrigues Dal Paz, Welci Nascimento, Helena Rotta de Camargo e Santo Claudino Verzeletti. A segunda, responsável pela

divulgação, teve a seguinte constituição: Gilberto Cunha, Elisabeth Souza Ferreira e Paulo Monteiro. Novo êxito. As maiores escolas de Passo Fundo participaram. Até escolas de outros municípios quiseram enviar trabalhos, mas foram impedidas pelo regimento do certame.

Para o julgamento, formou-se uma comissão especial formada pelos acadêmicos Paulo Monteiro, Dilse Piccin Corteze e Elisabeth Souza Ferreira, além da professora Jandira Inês Dallabrida, da 7ª Coordenadoria Regional de Educação; Gerson Lopes e Guilherme Cruz, da Secretaria Municipal de Desporto e Cultura. Os trabalhos concorrentes também foram de elevado nível.

Em 2010, a Academia Passo-Fundense de Letras patrocinou novo concurso literário. Os alunos do Ensino Fundamental podiam participar com poemas, sob tema livre, e os do Ensino Médio, com trabalhos sobre algum aspecto da vida e da obra do grande abolicionista, parlamentar e diplomata Joaquim Nabuco.

Em 2011, graças ao esforço primordial das acadêmicas Sueli Gehlen Frosi e Marilise Brockstedt Lech, o Concurso, desta vez homenageando Rachel de Queiroz, manteve o brilhantismo das primeiras edições.

Acadêmico Paulo Monteiro

Secretário-Geral da Academia Passo-Fundense de Letras



Acadêmica da APL, Dilse Corteze, Débora de Marco (vencedora do I Concurso Literário), acadêmico Paulo Monteiro (presidente da APL à época) e acadêmico Cícero Sandroni (presidente da ABL), na sede da Academia Brasileira de Letras - Casa de Machado de Assis, no Rio de Janeiro.

10. Projeto do IV Concurso Literário



Entidade promotora: Academia Passo-Fundense de Letras

Apoio: 7ª CRE e SEDEC

Público-alvo: alunos do Ensino Médio das Escolas Públicas e Particulares de Passo Fundo

Acadêmicas da APL responsáveis pelo projeto: Marilise Brockstedt Lech e Sueli Gehlen Frosi

I- TÍTULO: IV Concurso Literário da Academia Passo-Fundense de Letras - “RACHEL DE QUEIROZ: A GRANDE DAMA BRASILEIRA DAS LETRAS”

II – JUSTIFICATIVA: O desenvolvimento deste projeto justifica-se pelo comprometimento da Academia Passo-Fundense de Letras, em incentivar a Literatura e a correta utilização da Língua Portuguesa, buscando expandir a arte literária, em qualquer dos seus gêneros, além de assegurar a expansão e o fortalecimento da cultura. Assim, a APL cumpre sua função social e comunitária.

A escolha do nome da grande romancista, cronista e jornalista brasileira, Rachel de Queiroz (1910-2003), justifica-se pela recente passagem do centenário de seu nascimento e por ter sido a primeira mulher a ser empossada como acadêmica e, posteriormente, a presidir a Academia Brasileira de Letras.

III – CRONOGRAMA:

1. De 1º/03 a 10/03/11: Visitas às entidades apoiadoras.
2. De 22 a 05/03/11: Encaminhamento do presente projeto para as escolas, via e-mail.
3. Dia 10/03/11: Lançamento do projeto a todos os acadêmicos da APL e demais envolvidos no seu desenvolvimento, durante a Sessão Solene de Início das Atividades/2011, da APL.
4. Dia 12/03/11 a 30/05/11: entrega do projeto, bem como do regulamento do concurso, pessoalmente, nas escolas.
5. Dia 25/06/11: Data-limite para o recebimento dos trabalhos selecionados pelas escolas.
6. De 28/06 a 10/07/11: Avaliação e seleção dos trabalhos recebidos, pela comissão julgadora, a ser formada pela comissão organizadora do concurso.

7. Dia 18/07/11: Divulgação dos nomes dos alunos classificados no concurso, e início dos trabalhos de editoração e impressão do livro a ser composto com os trabalhos classificados.

8. Entre 23 e 26/08/11: Lançamento do livro na 14ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo.

IV - COMISSÃO ORGANIZADORA:

Marilise Brockstedt Lech: marilise@upf.br

Sueli Gehlen Frosi: sugehlenfrosi@gmail.com



Cartaz de divulgação do evento

Academia Passo-Fundense de Letras - APL

Atenção, jovem estudante do Ensino Médio de Passo Fundo:

SEJA UM AUTOR!

Participe do IV Concurso Literário da APL | Autora homenageada em 2011

"RACHEL DE QUEIROZ:
A GRANDE DAMA BRASILEIRA DAS LETRAS"

Data limite para a entrega de seu trabalho para seu professor de Redação: 25/06/2011

Os textos de maior destaque serão publicados em um livro a ser lançado na 24ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo e na 25ª Feira do Livro de Passo Fundo

Realização: APL | Apoio: 7ª CRE e SEDEC | Informações: marilise@upf.br /sugehlenfrosi@gmail.com

"ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS INCENTIVANDO E DESCOBRINDO TALENTOS"

Convite

11. Regulamento do IV Concurso Literário



CAPÍTULO I – SOBRE A PROMOÇÃO

Artigo 1º – O Projeto do Concurso Literário destina-se a incentivar a leitura e a escrita, baseando-se na vasta produção literária de Rachel de Queiroz, assim como cumprir a missão, comunitária e social que a Academia Passo-Fundense de Letras tem com a comunidade.

Parágrafo Único - O Projeto visa, também, conhecer o talento, a criatividade e o gosto pela leitura, por parte do público-alvo: os estudantes do ensino médio da nossa cidade.

CAPÍTULO II – SOBRE OS OBJETIVOS

Artigo 2º – Despertar nos estudantes do Ensino Médio de Passo Fundo, o prazer pela leitura e o culto à memória dos escritores brasileiros, culminando na produção de diferentes gêneros literários.

Parágrafo Único – Provocar a aproximação da comunidade escolar com a Academia Passo-Fundense de Letras.

CAPÍTULO III – SOBRE O PÚBLICO-ALVO

Artigo 3º – O Concurso Literário destina-se aos estudantes do ensino médio das escolas públicas e particulares de Passo Fundo.

CAPÍTULO IV – SOBRE A MODALIDADE DOS TRABALHOS

Artigo 4º – Serão aceitos e avaliados os textos inéditos, produzidos no máximo em quatro laudas, em média de 30 linhas cada.

Parágrafo único – Os textos poderão ser: resenha das principais obras, biografia da autora; releitura poética (poema ou prosa) e análise de crônicas.

CAPÍTULO V – SOBRE A REALIZAÇÃO

Artigo 5º – O concurso terá as seguintes etapas:

a) A cargo da APL: apresentar o projeto a todas as escolas de ensino médio; avaliar, selecionar e publicar os trabalhos encaminhados pelas escolas, destacando os melhores.

b) A cargos das Escolas: incluir o Projeto “Concurso Literário: Rachel de Queiroz – Dama Brasileira das Letras”, no seu plano pedagógico; divulgar e incentivar todos os alunos a participarem do projeto.

c) A cargo dos professores de Língua Portuguesa, Literatura e Redação: desenvolver o Projeto no decorrer das aulas do primeiro semestre de 2011; preparar os alunos para a produção dos textos, a partir das obras de Rachel de Queiroz; avaliar os trabalhos dos três níveis do ensino médio, e enviar os de maior destaque à APL, dentro do prazo previsto no cronograma.

CAPÍTULO VI – SOBRE A PREMIAÇÃO

Artigo 6º – Todos os alunos que tiverem seus textos selecionados e publicados receberão diploma de menção honrosa e exemplares do livro. Dez livros para os alunos classificados em primeiro lugar; seis para os classificados em segundo lugar e três para os demais classificados. A escola onde os alunos selecionados estudam terá destaque especial no livro, com espaço de até duas páginas para a publicação de sua história.

CAPÍTULO VII – SOBRE A COMISSÃO JULGADORA

Artigo 7º – A comissão julgadora será composta por membros da Academia Passo-Fundense de Letras.

12. Histórico das escolas participantes



12.1 COLÉGIO GAMA

Diretor: Carlos Alberto Romero

Coordenadora pedagógica: Daniela Patussi

Professora responsável pelos textos produzidos: Margarete Rosa Tasca Coelho

Histórico:

O Colégio Gama foi fundado em 1973 como curso pré-vestibular. Após 15 anos preparando e aprovando nossos estudantes para o ingresso nas Universidades, focou sua missão no ensino oficial. Surgiu então, o Colégio Gama, que atualmente trabalha nas áreas de Ensino Médio e EJA - Educação para Jovens e Adultos. Neste ano, 2011, se prepara para tornar-se uma Instituição de Ensino Superior, tudo porque, uma bela história não deve ficar restrita, deve ser reinventada.

Filosofia:

O Colégio expressa sua filosofia através das seguintes finalidades:

1. O aprimoramento do educando como pessoa humana proporcionando o domínio de equipamentos básicos para a vida como: a competência linguística, o raciocínio lógico e matemático, a iniciação científica, a consciência do meio ambiente, a visão histórica, a experiência artística, a formação ética e a construção da cidadania.

2. A formação do indivíduo para o mundo globalizado e para seus novos parâmetros envolvendo a capacidade de utilização dos recursos infindáveis que o cercam, integrando assim seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa.

3. O desenvolvimento de uma educação humanizadora, transformadora e democrática através de uma ação pedagógica e consciente, por parte de toda a comunidade escolar para favorecer o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos educandos.

Objetivo geral da escola:

Oportunizar situações que possibilitem a construção e a transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados, familiarizando o educando com os processos emergentes, a fim de compreender e intervir, provocando a transformação pessoal e social.

12.2 COLÉGIO TIRADENTES DE PASSO FUNDO

Diretor: Major André Idalmir Savian Juliani

Coordenadora pedagógica: Dra. Eliara Levinski

Professora responsável pelos trabalhos selecionados: Andriana dos Santos Degerone

Histórico:

O Colégio Tiradentes Passo Fundo esta localizado à rua Bento de Menezes, nº 583, bairro Rodrigues, ocupando uma área total de 2.950 m², e área física construída de 920 m², no local em que no ano de 1931 a 1954, foi instalado o 3ºRPMon, primeiro destacamento da Brigada Militar em Passo Fundo, área que tempos mais tarde aos cinco(05) dias do mês de março do ano de 1960, foi doada pela Brigada Militar á Secretaria Estadual de Educação, para funcionar o grupo escolar Salomão lochpe cujo educandário estadual na época foi idealizado e construído por iniciativa do ROTARY Clube/Passo Fundo. Com o crescimento na demanda de alunos e necessidade ampliar espaço e instalações o colégio Salomão lochpe, no ano de 2004 transferiu-se para outra área no mesmo bairro. ficando a atual estrutura na ociosidade, motivo pelo qual foi disponibilizada e devolvida a Brigada Militar, o Comandante Regional na época era o Cel Valdir João Reis Ceruty, o qual buscou unir esforços na retomada do patrimônio, vislumbrando a instalação do Colégio Tiradentes em Passo Fundo, sonho que se concretizou com a assinatura do decreto de criação e instalação do Colégio Tiradentes em Passo Fundo no dia 13 de dezembro de 2006, dec.estaduais de nº 44.486 e 44.787, assinados pelo então governador Sr. Germano Rigoto, e a nível de Brigada Militar o Colégio Tiradentes Passo Fundo foi instituído pelas portarias de criação e instalação nº 282 e 293/EMBM/06 assinadas pelo então Comandante Geral Cel Airton Carlos da Costa na mesma data.

Com a criação e instalação do Colégio Tiradentes em Passo Fundo em 13dezembro2006, o quadro de efetivo com 03 oficiais e 07 praças foi constituído e designado, foi guindado ao Comando na época o Major Ordeli Savedra Gomes, o qual permaneceu por seis meses no comando e em 12junho2007 entregou o comando ao seu sub-comandante o Capitão Marcelo Scapin Rovani.

Para iniciar o funcionamento no nível de ensino médio o Colégio Tiradentes Passo Fundo necessitava acatar as normas do Conselho Estadual de Educação, e cumprir exigências comuns a qualquer estabelecimento de ensino recém criado, resoluções essas que regulam parâmetros mínimos aos estabelecimentos de ensino, que devem estar estruturados: com salas de aula compatíveis ao nível médio de ensino, banheiros, biblioteca com acervo de livros mínimos de mil exemplares, laboratório completo de ciências físicas e biológicas, pré-requisitos esses que não existiam ou estavam em desacordo, impossibilitando ao Colégio Tiradentes Passo Fundo de receber a autorização e o credenciamento do Conselho Estadual de Educação, motivo pelo qual o Colégio Tiradentes Passo Fundo funcionava como escola de formação da BM com estágios e cursos policiais funcionando em suas dependências, o que ocorreu durante no período de 2006 a 2008.

Com a assunção do Comando Regional pelo Coronel Pedro Luiz Lima no ano de 2008 e a designação ao Comando do Colégio Tiradentes do Major QOEM André Idalmir Savian Juliani, em 26 junho de 2008, se uniu esforços e foram acirrados as ações, e se iniciou uma busca de recursos públicos, projetos foram elaborados e campanhas lançadas a fim de buscar recursos públicos e privados, mobilizando a comunidade da importância do Colégio Tiradentes para Passo Fundo e região, a fim de cumprir as exigências do Conselho Estadual de Educação, meta que foi alcançada em 26 novembro de 2008, graças a colaboração de amigos e parceiros da Brigada Militar de Passo Fundo e região, apoio fundamental na realização de melhorias na estrutura e dependências do colégio. Como registros que marcarão a história do Colégio Tiradentes Passo Fundo, temos:

O lançamento, em 01 outubro de 2008, do 1º Edital de Seleção para ingresso de 90 alunos no Colégio Tiradentes Passo Fundo, com 282 jovens inscritos;

A visita de apoio e autorização de funcionamento da Exma Sra Governadora Professora Yeda Crusius, juntamente da Secretária de Educação Professora Mariza Abreu e do Comandante Geral da BM na época Cel Mendes, no dia 21 outubro de 2008.

A criação e estruturação do Círculo de Pais e Mestres do Colégio Tiradentes Passo Fundo com registro de estatuto próprio, e eleição da primeira diretoria, sendo guindado como presidente o pai de aluno o Capitão Marco dos Santos Moraes, juntamente com sua esposa Sra Luciana Gosmann Moraes, e da composição do conselho fiscal composto pelo presidente eleito o Major Jair Euclesio Ely, tendo como membros os Srs presidentes das associações dos oficiais, dos subtenentes e sargentos e dos cabos e soldados da guarnição de Passo Fundo.

A matrícula em 15 dezembro 2008 de 90 alunos, pré-selecionados em concurso público os quais fazem parte da primeira turma do Colégio Tiradentes Passo Fundo.

A apresentação, em 16 de fevereiro de 2009, dos 90 alunos para iniciarem a semana de adaptação (semana zero) com o apoio de 07 alunos do 3ºano oriundos do Colégio Tiradentes Porto Alegre.

O recebimento em 26 e 27 de abril dos primeiros professores do Colégio Tiradentes Passo Fundo para reunião pedagógica e preparação do início do ano letivo 2009.

O início do ano letivo em 02 de março de 2009, tendo a primeira aula inaugural proferida pelo Sr Cel LIMA Comandante Regional do Planalto da Brigada Militar em 05 de março de 2009, e a primeira reunião com pais e responsáveis dos alunos em 09 março de 2009.

Em, 18 abril 2009, data da primeira formatura de entrega de boas aos alunos da primeira turma do Colégio Tiradentes Passo Fundo, em conjunto ocorreu a solenidade de entrega de panóplias a todas as pessoas que contribuíram para a concretização do Colégio Tiradentes em Passo Fundo, estando presente no evento autoridades como: o Secretário de Segurança

Gal Edson Goulart, o Comandante da BM Cel João Carlos Trindade Lopes, além das autoridades municipais, amigos homenageados e pais.

Em 10 de Outubro de 2009, ocorreu a inauguração da obra de 222,6 m², de acesso e pórtico do Colégio Tiradentes de Passo Fundo com descerramento de Placa Comemorativa, com a presença do Exmo. Sr. Comandante da BM Cel. João Carlos Trindade Lopes, do Prefeito Municipal de Passo Fundo Eng. Airton Langaro Dipp, do Presidente da Câmara de Vereadores Vereador Dr. Diorgenes Basegio.

12.3 ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO JOAQUIM FAGUNDES DOS REIS

Diretora: Jucênia Teresinha Albrescht

Coordenadora pedagógica: Taís Ribeiro

Professora responsável pelos trabalhos selecionados: Vanessa Dal Paz Ribeiro

Histórico

Pelo Decreto datado de 9 de abril de 1931 foi criado o Grupo Escolar Boqueirão, mas suas atividades só começaram, efetivamente, no velho casarão da Avenida Brasil, esquina com a rua 20 de Setembro, apenas no dia 15 de abril daquele mesmo ano. Na ocasião a diretora era a professora Adelina Silveira Carpes, auxiliada pelas professoras: Maria Cunha, Maria Alba Braga, Ormelina Luterotti dos Santos, Sylla Aragon e 130 alunos distribuídos do 1º ao 5º ano. Já ao final do ano somavam-se cerca de 202 alunos matriculados. O Grupo Escolar Boqueirão funcionou neste local por aproximadamente 15 anos, depois disso passou a funcionar na Rua Paissandu, no local onde hoje está a Escola Nicolau de Araújo Vergueiro. As mudanças não pararam por aí, pois teve como terceiro endereço o antigo prédio do Colégio Conceição, na Rua Teixeira Soares, em frente ao Hospital São Vicente de Paulo, hoje edifício Conceição. Neste local permaneceu por oito anos. Entre os anos de 1960 e 1962, a escola usou as dependências do Quartel do Exército Nacional.

Após muitas mudanças de localização, a Prefeitura Municipal, na época administrada pelo prefeito Mário Menegaz, que sensibilizado com a falta de instalações próprias da Escola, tomou importantes medidas para que a mesma pudesse enfim ter uma sede definitiva. Por isso decidiu desapropriar terrenos localizados na Avenida Brasil, esquina com a Rua 10 de Abril, local que era chamado de “taipa”, doando-os para o Estado do Rio Grande do Sul para que assim, já com denominação nova, pudesse construir o prédio que abrigaria os alunos do Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis. Em novembro de 1962, as obras ainda que inacabadas, mas definitivas, foram ocupadas primeiramente em apenas dois blocos. A inauguração oficial do novo e também atual prédio, que contou com a presença da delegada de educação, professora Olga Caetano Dias, do prefeito Mário Menegaz, direção, professores, alunos e demais autoridades, só aconteceu em 10 de setembro de 1966.

As mudanças não pararam por aí no Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis, pois além das novas séries que começaram a ser implantadas até a denominação de escola de 1º grau completo, em 1972 o Colégio Comercial Estadual que funcionava nas dependências do então Grupo Escolar Monte Castelo, passou a ocupar as instalações da escola. Depois de anos de unificação administrativa entre as duas escolas, através da portaria 19.884, publicada em Diário Oficial de 28 de setembro de 1979, as duas escolas foram unificadas sob a denominação de Escola Estadual de 1º e 2º graus Joaquim Fagundes do Reis.

Cabe informar que o atual nome da escola foi escolhido ainda em 1940 para prestar uma justa homenagem a um dos primeiros moradores de Passo Fundo e o Presidente da primeira Câmara Municipal de Vereadores e, sobretudo, um grande incentivador do progresso em nossa cidade, o Capitão Joaquim Fagundes do Reis.

Por todos estes acontecimentos históricos que envolvem o Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, hoje assim denominado, podemos afirmar que muito foi feito e, ainda se faz, pelas milhares de pessoas entre alunos, professores e comunidade em geral que passaram e passam por esta gloriosa escola.

Fonte: 150 Momentos Mais Importantes da História de Passo Fundo. Osvaldo Lech. Academia Passo-Fundense de Letras.

12.4 ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA MONTEIRO LOBATO

Diretor: Professor Olmir João Fonini

Coordenadora Pedagógica: Rosemari Moreira da Cunha

Professora responsável pelo trabalho: Marilene Grapiglia Zeni

Histórico

Em 1949 chegaram os primeiros moradores: A família Fungueti, que veio da Itália se estabeleceu em uma área de terra, como posseiros, era família de agricultores que logo deu início a um lindo pomar e horticultura. A seguir vieram as famílias Vilella, que trabalhava com agricultura e veio de cidade do interior de Passo Fundo; a família Casseres que também veio e se estabeleceu aqui, no cinturão da cidade, em busca de trabalho.

Em 1960 aqui chegaram muitas famílias descendentes de Alemães, Italianos e Portugueses também em busca de trabalho. As Famílias mais antigas a partir de 1962 são: Bonafé, Feijó, Pelicioli, Barbosa, Cerutti, Campos Ramos, Assumpção, Gobbi, Luzia, Escarpari, Scaglia e Dickel.

A Escola mais próxima era a Escola Municipal Wolmar Antônio Salton. A Professora Municipal Teresinha Campos Ramos, juntamente com o Professor Fungueti, realizaram um levantamento e constataram que no povoado havia 35 crianças em idade escolar, sem freqüentar a Escola. Foi encaminhado um projeto ao Prefeito da época, Guaraci Barroso Marinho e a Senhora Secretária

Municipal de Educação Noeli Albuquerque, que apoiaram a fundação de uma Escola no povoado. Com muito trabalho e esforço de todos, a Comunidade conseguiu uma casa da Cohab para funcionar como Escola e recebeu o nome da mãe do Prefeito da época “Dileta Barroso Marinho”, que foi inaugurada no dia 05 de maio de 1970. O povoado aumentava rapidamente, e começou a mobilização da Comunidade para pedir, através de abaixo assinados, iluminação pública, derrubada do mato e abertura de ruas.

Como a vila foi crescendo rapidamente, a Escola Municipal Dileta Barroso Marinho, que só funcionava com séries iniciais (Pré Escolar a 4ª séries), havia a necessidade de uma escola maior.

Para dar atendimento a uma clientela escolar que se formava em grande número, em uma populosa vila da cidade, fazia-se necessária a criação de um estabelecimento de ensino, foi então organizada uma comissão para solicitar junto aos Deputados Estaduais e Federais a nova Escola. A solicitação foi atendida e em 06 de dezembro de 1977 foi aprovado o decreto de número 26.263, que criava a Escola Estadual de 1º Grau na Vila Planaltina.

Em 19 de janeiro de 1979 foi inaugurada a Escola com a presença do Sr. Governador do Estado Sinval Guazelli, com o Prefeito Municipal Wolmar Salton e com a Delegada de Educação Valéria Ghen da Costa, várias autoridades a comunidade da vila e com uma grande festa.

Em 1985 o corpo docente da época optou por mudar o nome da Escola, pois não tinha mais sentido chamar-se E. E 1º Grau na Vila Planaltina já que o Frigorífico Planaltina, do qual havia surgido o nome estava em decadência.

O Professor Bartolomeu Funghetti realizou pesquisas sobre a vida de Monteiro Lobato, chegando mesmo a ir para Minas Gerais para pesquisar e colocado em discussão, o nome sugerido, foi aceito pelo corpo docente, passando a Escola em 1986 a chamar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus Monteiro Lobato.

Mas com a introdução do Ensino Médio a partir de 16 de outubro de 2000 por determinação da Secretaria de Educação a Escola passou a denominar-se Escola Estadual de Educação Básica Monteiro Lobato.

Caracterização atual da escola:

Nome: Escola Estadual de Educação Básica Monteiro Lobato

Número total de alunos em 2010 = 763

Número total de professores em 2010 = 45

Número total de funcionários em 2010 = 11

12.5 ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROTÁSIO ALVES

Diretora: Inês Piasentini

Coordenadora pedagógica: Helena Esmaniotto

Professora responsável pelos trabalhos selecionados: Flávia Corazza

Histórico

No mês de março comemoramos orgulhosamente o Centenário (1º/03/1911 – 1º/03/2011) da Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves, sempre fazendo parte da história de nossa cidade, sendo a mais antiga escola pública estadual. No decorrer do ano diversas atividades festivas serão realizadas.

A história da escola conta com ilustres nomes de nossa cidade que passaram pelos bancos escolares e que até hoje sentem saudades pelos ensinamentos e pelo suporte que receberam para enfrentar a vida e alcançar seus objetivos.

No decorrer desses anos muitas benfeitorias foram realizadas para conservação do prédio, sendo que o mesmo devido a sua importância histórica, bela e antiga arquitetura foi tombado patrimônio histórico do município. Procuramos sempre oferecer um ambiente agradável e acolhedor para melhor aprendizagem dos nossos alunos.

Tudo isso é realizado com o auxílio da Comunidade Protasiana, 7ª CRE e contando sempre com o apoio dos professores e funcionários, que se empenham em manter uma escola pública de qualidade, valorizando cada vez mais a pessoa humana.

12.6 ESCOLA REDENTORISTA INSTITUTO MENINO DEUS

Diretora: Márcia Bandeira Vargas Muccini

Coordenadora pedagógica: Liliane Ferreira

Professora responsável pelos trabalhos selecionados: Janaina Sílvia Chaves Gomes

Histórico

O Instituto Menino Deus, situado na Rua Angélica Otto, 160, Bairro Boqueirão, em Passo Fundo, teve seu início em Cachoeira do Sul, em 1928, com o nome de Clementinum, em homenagem a São Clemente Hofbauer, um dos santos da Congregação Missionária Redentorista. Em 1937 foi transferido para Pinheiro Mercado, no atual município de Carazinho. Em dezanove de março de 1959 foi oficialmente instalado em Passo Fundo, tendo o nome modificado para Seminário Menino Deus. Era somente dedicado à formação religiosa. Em 1969 começa a receber alunos externos (meninos). Em 1972,

foi aberto também para alunas externas (meninas), sendo, na ocasião, trocado o nome para Instituto Menino Deus (IMD). Em 1990 foram abertas séries iniciais, açabarcando assim, os três níveis de educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, mantendo o propósito e carisma da Congregação Redentorista de educar para a prática da liberdade, com autonomia e cidadania. No ano de 2011, o Menino Deus comemora 52 anos de excelência em educação.

Princípios Filosóficos

Por acreditar que o ser humano é um sujeito em processo de construção permanente, mediado pelo mundo circundante, assume a Escola a proposta de criar espaços e metodologias para o exercício deste processo de crescimento. Percebido desta forma o ser humano é um sujeito, com perspectiva futura, embasado em um processo histórico, colaborando na construção social, coletiva e individual, necessária a formação de consciência plural.

O Instituto Menino Deus na atualidade

O Instituto Menino Deus hoje, conta com aproximadamente, 600 alunos abrangendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. É uma instituição preocupada com a cultura do conhecimento, humanizadora e de qualidade no processo de educar, trabalha também com a inclusão escolar, organizando o processo de conhecimento de forma acolhedora, criativa e inovadora.

Em qualquer projeto desenvolvido pelo Menino Deus, a teoria filosófico-pedagógica que orienta o trabalho educativo contém o princípio da construção. A Educação ocorre na relação que se estabelece entre diferentes sujeitos, no respeito às diferenças, no desafio de acolher e agregar valores positivos à constituição humana. Com orientação e estímulo qualificados, o sujeito vai construindo seu conhecimento social, cognitivo e afetivo. A instituição oferece professores qualificados e, em processo de formação permanente, oferece também, uma estrutura adequada e uma proposta pedagógica consolidada, capaz de promover um ensino de excelência.

Qualidade Docente

Possui professores qualificados, todos com formação em nível superior, na sua maioria, com especializações e mestrado. Orienta e mantém os seus professores em processo de formação permanente, pois entende que esta é uma necessidade da sociedade do conhecimento e garantia de qualidade no processo pedagógico. Projetos curriculares: educação ambiental, educação para as artes e educação esportiva.

12.7 INSTITUTO ESTADUAL CECY LEITE COSTA

Diretora: Teresinha Lurdes Izolani Pan

Coordenadora pedagógica: Valsi Duarte Sbruzzi

Professora responsável pelos trabalhos selecionados: Cheila Margarete Rapkiewicz

Histórico

A história do Instituto tem seu marco inicial em 10 de junho de 1965, com o nome de Ginásio Vocacional Moderno, junto ao Grupo Escolar Salomão Lochpe.

As atividades do novo estabelecimento de ensino tiveram início sob a Direção da Professora Santana Dal Paz, composta por dois professores e 107 alunos.

Em 1966 inaugurou-se o atual prédio na Avenida Presidente Vargas 1275, com a denominação de Ginásio Estadual Cecy Leite Costa.

Em 1971 passou a denominar-se Colégio Estadual Cecy Leite Costa.

Em 1974 foram criados os cursos de Auxiliar Técnico em Eletricidade, Técnico em Economia Doméstica, Redator Auxiliar e Auxiliar em Laboratório em Prótese Odontológica.

Em 1976 passou a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus Cecy Leite Costa.

Em 1981, devido as necessidades da comunidade, a Escola passou a atender somente alunos do 2º grau e denominou-se Escola Estadual de 2º Grau Cecy Leite Costa.

Em 1986, inicia o Curso de Preparação para o Trabalho.

Em 1988, cria-se o Curso Técnico em Eletrônica.

De 1996 a 2000 atendeu a extensões em nível de 2º grau de diversas localidades.

Em 2011, o Instituto oferece a comunidade Passofundense o Curso de Ensino Médio e o Curso Técnico em Eletrônica – Área da Indústria. O Corpo Docente é composto por 70 professores, todos com nível superior e pós-graduação e alguns com mestrado, 16 funcionários na sua maioria cursando faculdade e 1153 alunos distribuídos em 37 turmas.

13. Trabalhos selecionados



A variedade de formas de produzir textos literários permite que cada escritor tenha ampla liberdade de expressão. Com a finalidade de prestigiar e valorizar um número maior de alunos a comissão julgadora optou por dividir os trabalhos em diferentes categorias, e assim destacar o primeiro e o segundo melhor trabalho de cada uma delas sendo: biografia, resenha, análise de crônicas e poemas.

É com grande honra que apresentamos aqui os trabalhos selecionados.

13.1 Biografias

A vida de Rachel jovem, de Rachel mulher, de Rachel idosa, foi alvo de procura por parte de muitos jovens participantes do concurso. Sabemos que essa procura permitiu que ela fique indelevelmente impressa na mente e no coração dos que passaram pela aventura de conhecer essa romancista, poeta, jornalista, contista e cronista.



1º LUGAR | Escola Redentorista Instituto Menino Deus

Aluna: Muriê Kümmezt | **Turma:** 3º Ano – 301

Professora: Janaina Silvia Chaves Gomes

QUELUZ na Literatura

“Gosto de palavras na cara. De frases que doem. De verdades ditas (benditas!). Sou prática em determinadas questões: ou você quer ou não.”

“A dança de linhas pela terra seca em forma de rachaduras. Bocas e lábios sangrando, clamando pela água que não vem. Enquanto a sola dos pés queima no chão escaldante, na cabeçaperde-se a esperança de quem não tem o que comer. Esperança já escassa, como a beleza triste do povo que aqui habita, momentos de espera. Sonhos que se vagam.”

“Chora a criança magra, com um mundo de agonias. Estômago fraco, mas que se espreme fortemente no vazio... oco, inebriante, degradante.

As sombras de suas costelas são preenchidas por um passado estranho que a história não se lembra mais. Rezam os pais, os tios, os irmãos, na busca de algo, mas não está ali. Sofrem na ausência do imprescindível.”

Assim começa a história da menina de LUZ...

Criança, ela tinha os seus sonhos, os seus medos, seus anseios e suas filosofias de vida. Porém, nada a fez impedir de seguir em frente, nem os tropeços. E isso... Ah, isso não é algo comum. As pessoas desistem facilmente. Porque nem sempre a caminhada de um retirante é por caminhos floridos. É esta decisão do personagem? Sonhadora, que busca na sua verdade, as soluções para um abandono. Coragem. Atitudes de uma jovem tímida e com talentos de que não gostava. A imposição da vida e seus desafios. O nome? Rachel. Rachel de Queiroz.

“Valeu a pena”... romper os desafios, sempre vale a pena e, assim, quem sabe, alcançar o que sonhamos. Com o que Rachel sonhava? Com o amor. Do que ela gostava? Literatura. Aí está o grande ápice. O mundo dos encantamentos, onde encontramos o amor e o sentimos, nos emocionamos e entendemos que é preciso mostrar ao mundo as escritas do tempo. Falando em histórias, Rachel escrevia. Criava romances, deixando-se fluir para a folha. Contudo, ela era tímida demais para mostrar os seus textos a alguém. Talvez o medo das críticas e da desaprovação. O egoísmo consigo mesma. Sabe, não querer compartilhar seus pensamentos, seus personagens. Abrir seu mundo particular para visitaçã. Falar de suas estranhezas?... não se pode saber com certeza. Digo isso porque não entendemos a dimensão dos sentimentos das pessoas, só quem sente entende. Todavia, mesmo com sua atitude reservada, não se rende a isso. Rachel manda uma crítica ao jornal de sua cidade, com o pseudônimo de “Maria de Queluz”, publicada, suas palavras se tornam um agrado aos leitores. A partir daí, sua carreira de escritora avança pelos sertões e pelo mundo.

Submetida a um longo tratamento de saúde, frente a uma congestão pulmonar e suspeita de tuberculose, Rachel se viu obrigada a fazer repouso, a vida lhe passara em sonhos e em uma dimensão real que a tornara lúcida. Escreve um romance de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a exclusão social, chamado “O Quinze”. A escrita desse romance é impulsionada por uma situação a qual teve de passar anos antes, quando o nordeste enfrentou uma seca terrível e a menina mudou-se com os pais para o sul. Transforma-se em uma grande personalidade literária, sente o peso de uma vida pública. Mas, lá está ela, a mulher assustada, e, por outro lado, forte e decidida, dilapidada pelos horrores de um tempo agreste. Por sorte, a mulher forte e decidida sempre prevaleceu perante a sua outra face mais fraca. Passou por amargas dores com a morte de sua filha. O vazio invadiu seu peito, as lágrimas escorreram sem intervalo e seus pés pareciam tocar o chão com uma força súbita, como se por algum instante encontrasse ali um amparo, um alento. E ao mesmo tempo um abismo. No sofrimento encontrou barreiras, passagens interrompidas. Ela poderia se perder, esquecer-se, evaporar na imensidão tórrida de suas franquezas, se

trancar em casa e nunca mais ver a luz do dia. Poderia dar fim à sua vida e juntar-se com sua menininha no céu, teria paz afinal? No entanto, seguiu em frente. Caminhou rumo a um futuro desconhecido, mesmo não tendo mais vontade de puxar o ar para dentro dos pulmões. Foi caminhando, respirando, retirando as pedras do caminho e reconstruindo seu mundo... sem paredes e com privações.

Após muitos prêmios, diversas obras publicadas e uma vida de superação, torna-se a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras. Rachel de Queiroz... Rachel Luz... Rachel força... o grande nome da literatura brasileira, nossa romancista, com uma vida dedicada à escrita. Adormeceu no balanço de uma rede, a luz levada aos ventos, como se fosse sua última pisadela em terras nordestinas. Um passeio pelo seu sertão, e o sol da tarde a levou no ano de 2003. Com grandes influências de seu tio, José de Alencar, tornou-se A grande escritora. Porém, não foi o seu parentesco como autor de Iracema que a tornou parte da geração de 30. Havia nela o dom. Rachel, a mulher que admite não gostar de escrever e, mesmo assim, nos encanta com seus romances. A mulher das palavras reais e profundas. Como ela diria: “Falam que o tempo apaga tudo. Tempo não apaga, tempo adormece”. No entanto, nossa admiração é eterna e suas obras a consolida na linha literária da nossa cultura. Seu mundo particular tornou-se imortal nas páginas de seus livros. Eu... não a conheci, mas já me sinto uma aprendiz, quando leio suas palavras impressas em tão delicadas folhas. Sinceras, mágicas. Impostas e tão sugestivas ao mesmo tempo. Frases que não são somente frases, são respingos de sentimentos, de luz eterna para a literatura brasileira.



2º LUGAR | Colégio Tiradentes de Passo Fundo

Aluna: Gabriela Ferraz Bortolini | **Turma:** 2º ano

Professora: Adriana dos Santos Degerone

Rachel de Queiroz

“É necessário que o mundo, depois de ti, seja algo melhor, porque tu viveste nele”.

Este pensamento de autoria do cineasta Stanley K. descreve a trajetória de Rachel de Queiroz, a Grande Dama Brasileira da Letras. A renomada escritora dizia escrever por necessidade, mas acredito que ninguém consiga ser tão notável, se não construir sua obra sobre os alicerces do amor e do prazer. Talvez ela própria não tenha tido consciência de sua grandiosidade, entretanto, conhecendo sua biografia, pode-se perceber que seu legado para muitas gerações não se restringe somente à literatura, uma vez que deixou marcas políticas e, como mulher, desbravou caminhos e fez história, podendo-se citar como exemplos, desde seu ingresso na Academia Brasileira de Letras até o simples fato de demonstrar prazer em cozinhar, assistir a futebol e boxe

e dormir em redes, o que demonstra a humildade e a simplicidade de uma grande escritora, que poderia ser considerada uma diva literária.

Obviamente, para falar sobre Rachel de Queiroz, seria necessário conhecer melhor a sua obra, contudo, tentarei escrever sobre essa celebridade com a modesta coletânea de dados que adquiri sobre ela.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza - CE, no dia 17 de novembro de 1910, sua família descendia, pelo lado materno, da estirpe de José de Alencar, autor de "O Guarani" e pelo lado paterno pertencia à família dos Queiroz, de raízes lançadas em Quixadá, onde moravam e seu pai trabalhava como Juiz de Direito. Em 1913, seu pai é nomeado promotor e a família retorna à Fortaleza. Depois de um ano, seu pai deixa o cargo e passa a lecionar geografia. Percebendo a necessidade de estar presente na vida da filha, passa a dedicar-se exclusivamente à educação de Rachel, ensinado-a ler e escrever. Aos cinco anos de idade é apresentada à literatura, conhecendo a obra "Ubirajara" de José de Alencar, embora sem entender nada, como afirmava, já se sentiu fascinada pelo mundo das linguagens. Em 1915, uma terrível seca atinge o Ceará, obrigando-a a buscar novas expectativas no Rio de Janeiro, fato esse que serviu como tema de seu primeiro romance "O Quinze".

Logo depois, retorna ao Ceará, onde foi matriculada em um colégio interno, onde se formou professora aos 15 anos. Sua formação escolar se encerra aí. Em 1926, após o nascimento de sua irmã caçula Rachel de Queiroz volta à Quixadá, passando a dedicar-se inteiramente à literatura, orientada por sua mãe. Envergonhada, não mostrava seus textos a ninguém. Em 1927, usando o pseudônimo de "Rita de Queluz", escreve uma carta ao jornal "O Ceará" criticando um concurso realizado para eleição da Rainha dos estudantes, sua participação torna-se cada vez mais regular e ela passa a publicar folhetins.

Em 1930, enfrenta problemas de saúde, face a uma congestão pulmonar e com a suspeita de tuberculose, Rachel se vê obrigada a fazer repouso e resolve escrever um livro sobre a seca ao qual nomeia "O Quinze" – romance de cunho social profundamente realista no relato sobre a fome e a seca- é mostrado aos pais que, percebendo o talento da filha, resolvem emprestar o dinheiro para sua publicação. O livro, um verdadeiro tesouro escrito, transforma Rachel numa personalidade literária.

Em 1931 recebe o prêmio de romance da fundação Graça Aranha no Rio de Janeiro, onde conhece integrantes do partido comunista e passa a envolver-se com a política. De volta a Fortaleza, torna-se uma das fundadoras do PC Cearense.

Em 1932 casa-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira com quem um ano depois teria uma filha, chamada Clotilde. Muda-se para Maceió em 1935, onde perde sua menininha com apenas 18 meses, vítima de septicemia. Rachel de Queiroz já demonstrava indícios que a caracterizavam como uma mulher forte e objetiva, mas foi a partir da morte de sua filha que a escritora se "fechou" em seu mundo, tornando-se uma verdadeira muralha, reunindo forças em si mesma para continuar sua trajetória, eis aí um grande exemplo de mãe e de mulher.

Em 1937, lança o romance “Caminho de Pedras”. Em 1939, enfrenta uma separação e muda-se para o Rio, onde publica mais um Romance. Um ano depois, conhece o médico e escritor Pedro Nava com quem passa a viver, o casamento duraria 42 anos, até a morte do seu marido. Em 1945 muda-se para a Ilha do Governador. Três anos depois, perde seu pai. No mesmo ano publica “A Donzela e a Moura Torta”. Em 1957, recebe da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis, pela grandiosidade de sua obra.

Apoiou o golpe militar de 1964, conspirando a favor da deposição do presidente João Goulart. Em 1969 estréia na literatura infanto-juvenil, com “O Menino Mágico”, revelando uma face de sua obra até então desconhecida. Em 1975, publica o romance “Dora, Doralina”.

Em 1977, é eleita para integrar a Academia Brasileira de Letras, tornando-se a primeira mulher a fazer parte dela, passa a ocupar a cadeira de número 5 e marca a história da literatura nacional.

Em 1993, recebe dos governos de Brasil e Portugal, o prêmio Camões e da União Brasileira dos Escritores, o Juca Pato.

Ao todo foram mais de trinta livros escritos individualmente, sete livros em parceria, trinta e oito livros traduzidos e uma trajetória exemplar que imortaliza a autora na história.

Faleceu aos 93 anos, no dia 04 de novembro de 2003, na cidade do Rio de Janeiro, dormindo em sua rede.

Acredito serem contraditórias suas palavras quando se diz ateia, quando fala sobre morte, pois sua vida foi marcada por feitos que nos conduzem a pensar numa pessoa culta, solidária e espirituosa. Uma mulher guerreira, batalhadora, que acreditava nos seus sonhos e lutava por seus ideais, fundamentada pelos princípios da ética, da cidadania e da justiça.

Rachel de Queiroz passava a imagem de um mundo singular, demonstrando uma grande força interior, principalmente nos momentos em que enfrentava dificuldades.

Mais uma mulher, a exemplo de tantas outras que passaram pela Terra, ajudando a humanidade a caminhar para o bem e para o bom. Rachel de Queiroz nos deixou um legado que a imortaliza como escritora e como exemplo de ser humano.



Demais biografias selecionadas

Colégio Tiradentes de Passo Fundo

Aluna: Dereck Fortunato | **Turma:** 2º ano

Professora: Adriana dos Santos Degerone

Raquel de Queiroz

Notoriamente Raquel de Queiroz foi uma escritora fantástica com um conjunto de obras de qualidade e relevância para a sociedade brasileira, inspirada nas obras e parentesco de José de Alencar obteve em suas obras uma grande autenticidade, as quais são inúmeras mas a autora era tão modesta que considerava apenas cinco obras tendo-as feito realmente de coração. Uma mulher que ocupou a cadeira de número cinco na Academia Brasileira de Letras, que recebeu o prêmio Machado de Assis pela mesma academia, também foi delegada nas Nações Unidas na comissão de direitos do homem, recebeu pelos governos do Brasil e de Portugal o prêmio Camões e pela União de Escritores o prêmio Juca Pato, e pelo conjunto de sua obra recebeu o prêmio Marinho Santista e como se não bastasse recebeu a condecoração de ordem nacional de mérito pelo presidente Fernando Collor, certamente uma autora com obras e carreira amplamente reconhecida havia de ter um enorme galardão literário.

Raquel de Queiroz, foi enormemente influenciada em sua literatura tendo em vista que era aparentada do grandioso escritor José de Alencar do qual a mesma leu a obra “Ubirajara” aos cinco anos, isso já explica o seu grande talento literário, e ainda era incentivada por sua mãe a ler obras nacionais e internacionais, além de ter se tornado professora, ficando evidenciado nesses fatos o por que dela se tornar uma escritora e ter uma gama de aculturação literária, podendo assim notar em suas obras a presença de uma qualidade sem tamanho. Contudo obtinha um vasto conjunto de obras literárias se tornando amiga de vários escritores tais como Murilo Mendes, Cícero Dias, Jorge Amado, José Lins de Rego, Graciliano Ramos dentre outros, realmente percebendo a sua grande influência literária.

Em suma, Raquel de Queiroz foi uma das mais importantes escritoras que o Brasil já teve, tanto pela sua intensa produção de obras quanto pelo seus grandiosos feitos, como, a participação na criação do partido comunista, consagração com vários prêmios, representações pioneiras, entre outros. Portanto fica aqui a minha admiração por uma escritora que contribuiu profundamente para nossa literatura e ainda me sinto orgulhoso de escrever sobre uma escritora que foi tão premiada pelo seu conjunto de obras de fantástica e excelente qualidade cultural de enorme influência da sociedade brasileira.



Escola Redentorista Menino Deus

Aluna: Bárbara Schonberger | **Turma:** 3º Ano - 301

Professora: Janaina Silvia Chaves Gomes

UMA VIDA INCOMPARÁVEL

Esperança de um povo que nunca desiste. A força e a coragem traduzidas em telas de Portinari e em nossas próprias impressões. Retirantes da vida, em busca de sol ameno e terra molhada. Não com as lágrimas das crianças, mas com a bondade serena do céu. Audácia, incapacidade de aceitar a condição alheia. Símbolo de uma geração literária...assim começamos Rachel....

Sangue de José de Alencar, Rachel de Queiroz tornou-se um ícone da literatura brasileira, talvez sem querer ou por necessidade, como ela mesmo dizia. Escreveu textos que foram capazes de gerar críticas e mudar opiniões. Mil faces, escritora, jornalista, tradutora, romancista...sonhadora; importante dramaturga brasileira. Autora de destaque na ficção social nordestina. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, e a receber o Prêmio Camões, equivalente ao Nobel, na língua portuguesa. Considerada por muitos como a maior escritora brasileira. Explorava palavras de cunho social, sensações de uma vida agreste, de medos, sonhos que não se cabiam em uma casa de barro e bambus.

Dona de uma personalidade literária muito marcante, Rachel foi educada por seu pai, que lhe ensinou a ler, cavalgar e nadar. Aestas habilidades deram-lhe a oportunidade de ser algo que esta pequena sonhadora merecia, cavalgar pelas tardes amareladas do nordeste, nadar pelas águas transparentes e viajar pela escrita dos livros que tinha em mãos. Sua mãe orientou-a a dedicar-se inteiramente a literatura. Estreou na imprensa no jornal O Ceará, escrevendo crônicas e poemas de caráter modernista sob o pseudônimo de Rita de Queluz. No mesmo ano lançou em forma de folhetim o primeiro romance, História de um Nome. Aos vinte anos escreveu o "O Quinze", livro que teve grande repercussão, retrata a luta contra a seca e a miséria da população nordestina. Ficou nacionalmente conhecida após a publicação do livro em 1930.

A literatura escrita aqui é fantástica e capaz de nos envolver eternamente, não só a leitura informativa, mas a feita por prazer é importante. Ter a oportunidade de homenagear esta mulher excepcional nos deixou honrados e felizes. Algumas de suas obras revelaram sua incrível capacidade de interpretação da sociedade, o que nos leva a formular opiniões crítica a respeito do mundo ao nosso redor, é de livros que as pessoas precisam para se reformular uma cultura.

Cultura imortal, proveniente de membros da nossa Academia Brasileira de Letras, personalidades que entraram em nossas histórias transformando vidas, traduzindo palavras em uma longa estrada de realidades. O que gostaríamos de dizer é que aprendemos a buscar necessidades não necessárias, e não aprendemos interpretar um texto literário muito bem escrito

como os de Rachel. Rachel Luz, Rachel Sertão, Rachel que adormece em uma rede, e despede-se de suas palavras.

Rachel de Queiroz chega aos 90 anos afirmando que não gosta de escrever e que o faz para se sustentar. Alguém que tem uma grande importância para a literatura, jura não ser escritora e que nada de inédito será encontrado em suas obras, a pergunta que não se esclarece é...e o que faltou em seu caminho para que Rachel obtivesse seu próprio reconhecimento?

Rachel se despediu,mas, não há perdemos, e nunca a perderemos.Seus livros ainda vão ser lidos por gerações futuras e sempre em algum lugar do mundo alguém estará tentando interpretá-los. Hoje, o que nos resta é relembrar com orgulho desta mulher que foi Rachel de Queiroz.



Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis

Aluna: Marina de Oliveira | **Turma:** 2º ano do Ensino Médio

Professora: Vanessa Dal Paz Ribeiro

RACHEL DE QUEIROZ (1910-2003)

Rachel de Queiroz, a grande dama brasileira de letras, romancista da década de 30, por sua originalidade e genialidade foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Escreveu romances, poemas, contos e crônicas, e até cultuou o teatro e a literatura infantil, com destaque para a obra “Andira”. Uma artista completa, com uma narrativa direta e cheia de energia, levantou questões sociais e também psicológicas. Acompanhou de perto a grande seca de 1915, e este foi o tema principal de alguns de seus romances de estreia, conhecidos por aprofundar os fatos ficcionais da autora à realidade daquela época, onde o leitor se identifica com os fatos narrados. Uma mulher excepcional e a frente do seu tempo publicando seu primeiro romance aos 20 anos e com surpreendente afabilidade tornou essa obra conhecida, sendo assim consagrada como autora.

Suas obras eram ao mesmo tempo ideológicas e realistas, dava uma dimensão humana às narrativas e sabia como ninguém prender o público. Uma autora que estava a par de seus leitores e reconhecia-se em seus personagens. Com uma narrativa simples, sem vícios de linguagem proporcionava aos seus leitores conforto, enquanto também conseguia transmitir seu modo de pensar àqueles que se deleitavam em suas obras,

Transmitia a realidade brasileira de forma clara, mas ainda assim conseguia inserir a temática amoroso-afetiva, como no livro “O Quinze”. Depois de quase 20 anos sem publicar romances, Rachel surpreendeu o público com “Memorial de Maria Moura” em 1992, que foi adaptado para a televisão e ampliou a fama da grande autora, sendo transmitidos para vários países como Canadá e Venezuela. Com humildade, Rachel escrevia de modo que o seu ponto de vista ficava na subjetividade das narrações.

Rachel ganhou vários prêmios ao longo de sua jornada, incluindo o Prêmio Camões, o equivalente ao Nobel da Língua Portuguesa. Ela dedicou-se principalmente ao jornalismo, tendo colaborado durante muito tempo no Diário de Notícias e posteriormente na revista O Cruzeiro, em O Jornal, Última Hora e Jornal do Comércio.

Rachel era a mais velha de cinco irmãos, ajudou a criar Maria Luiza que nasceu em 1926. Maria a acompanhou até sua morte. Rachel foi casada duas vezes, a primeira com o poeta bissexto José Auto da Cruz Oliveira em 1932, com quem teve uma filha, Clotilde, que morreu aos 18 meses, vítima de septicemia. Deixou José em 1939 e tornou-se desquitada, o divórcio ainda não existia naquela época, e mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1940 conheceu o médico Oyama de Macedo e passou a viver com ele, que ela afirmava ser seu único grande amor, quando a lei do divórcio surgiu no Brasil o casamento deles foi um dos primeiros a se realizar no país, Oyama morreu em 1982.

Rachel tinha uma forte miopia que descobriu aos 18 anos, e aos 87 lia com a ajuda de uma lupa, mas mesmo assim não perdeu o hábito de ler. Foi descrita pela repórter Cynara Menezes, da Folha de São Paulo em 1998, como uma senhora de cabelos grisalhos de voz poderosa, porém afável, divertida e provocadora. Sua fazenda, de nome “Não me Deixes”, localizada em Quixadá, podia ser descrita como uma reprodução fiel às paisagens de seca de seu primeiro romance “O quinze” onde o clima seco predomina. Rachel era atea e chegou a falar sobre como era difícil viver sem ter uma crença. Seus amigos mais íntimos eram Pedro Nava, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, que como ela dizia eram como irmãos para ela, eles se encontravam diariamente, por isso ela sofreu grande perda quando estes morreram, sucessivamente. Outra amiga era Clarice Lispector que para Rachel era a maior escritora dentro de seu grupo de amigas.

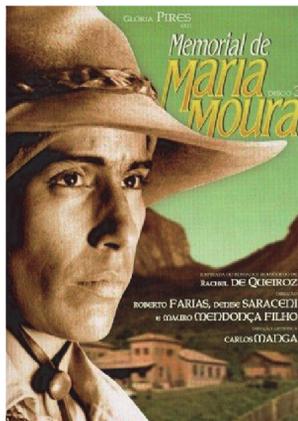
Rachel nunca relia uma obra sua, adorava Trotski e livros policiais, achava a filosofia chata. Ela nunca expôs sua vida íntima, costumava dizer que sua vida pessoal era dela, não do público. Afirmava que não tinha medo da morte, dizia que a morte era sua amiga, por isso morreu dormindo em sua rede em 4 de setembro de 2003.



13.2 Resenhas de Livros

O intuito de incluirmos resenhas no projeto do Concurso foi o de introduzirmos a prática dessa modalidade de escrita muito comum e indispensável na vida acadêmica. A resenha permite que se conheça profundamente uma obra ao analisá-la criticamente, despertando em quem a lê, a vontade de ler a obra completa.

Ficamos imensamente gratificados ao recebermos quatro resenhas que contemplam os romances O Quinze e João Miguel, obras da juventude de Rachel e preponderantes na sua trajetória literária e Memorial de Maria Moura e Dôra Doralina, obras da maturidade da autora. Com Dôra Doralina, ela estreou no cinema com uma adaptação. Já Memorial de Maria Moura foi adaptada em 1994 como minissérie da Rede Globo, sendo um grande sucesso de audiência.



1º LUGAR | Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves

Aluna: Thais Nicolini de Mello | **Turma:** 2º ano

Professora: Flávia Corazza

Dôra, Doralina

Maria das Dores é a protagonista principal desta obra, escrita por Rachel de Queiroz, que tem sua narrativa contada pela própria Dôra, ou Doralina, como seu pai a chamava, e posteriormente seu Comandante, como forma de um carinho a mais, de que ela tanto sentia falta.

A estória tem uma interessante sequência, ou para se falar a verdade, falta de sequência em certos pontos. Não se tornando confusa ou monótona, mas dando um ar de naturalidade em que o leitor se vê envolto por uma vida quase próxima, sendo uma das marcas de Rachel a habilidade com uma narração que envolve, puxa, instiga a todo aquele que pôr os olhos.

Dôra cresce na fazenda Soledade, na cidade Aroeiras no interior do Ceará. Desde sempre ela teve atritos com sua mãe, que chamava sempre de Senhora. Seu pai morreu quando ela ainda era criança pequena, não tinha lembranças dele, e Senhora não lhe contava nada, o que ela sabia era o que ouvia das criadas ou comentários superficiais de algum acontecido. Na primeira parte – o Livro de Senhora – Dôra narra como seu relacionamento em casa era às avessas. Ao invés do amor maternal que sua mãe deveria lhe dar, ela só recebia a indiferença e a aspereza, e uma certa competitividade pouco

natural, envolvendo o relacionamento de mãe e filha. Senhora era severa, exigente, fria, mas também bonita e eficiente no que fazia e mandava fazer, era – pode-se dizer – o tudo da casa, dos criados, de sua filha e até de Laurindo.

Laurindo era agrimensor da região, casou-se com Dôra, mais por interesse do que amor. Comentava-se muito que só não casou com Senhora porque depois que ela morresse tudo seria da filha, e ele não teria nada. Era um homem inescrupuloso, que conseguiu a afeição das duas, embora não muito significativa. Tinha o carinho de sua mulher, e o da mãe - como sua amante. Laurindo morreu, aparentemente, por um acidente com sua espingarda, que teria atirado sozinha, mas tinha um hematoma na face que levantou suspeitas de assassinato.

Antes de casar-se Dôra conheceu Delmiro, que chegou baleado e quase morto na Soledade. Um homem que era um bandido, tinha saído de sua terra, o Riacho do Sangue, por causa de uma vingança, e fora parar ali por perseguição da polícia. Mostrou-se realmente arrependido, e acabou permanecendo na fazenda. As suspeitas do assassinato de Laurindo são contra ele, pois o defunto foi encontrado em sua cabana, sendo que os dois tinham um atrito. Laurindo não gostava dele e matava seus animais, Delmiro queria vingar Dôra, por quem tinha uma espécie de adoração.

Após a morte do esposo, Doralina resolve sair da Soledade, afastar-se da tristeza que tinha naquela casa, mais por culpa da mãe do que da morte recente. Ela então vai morar na pensão de D. Loura, em Fortaleza, uma mulher amiga da família, que acabou se tornando uma mãe para ela. Dôra assume a função de organizar a pensão, os hóspedes e os pagamentos. Em meio a isso conhece Seu Brandini e Estrela, atores de teatro que possuíam a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho. Torna-se amiga deles e auxilia seu Brandini a copiar os papéis das novas peças, passar aos atores suas falas e deixas. Quando uma das atrizes vai à São Paulo, Dôra é convidada a substituí-la, e, com bastante resistência, acaba aceitando a oferta.

Inicia, então, o Livro da Companhia, época em que ela começa a trabalhar como atriz. Essa é sua fase de aprendizado e libertação. Conhece várias cidades, e o glamour de estar em cima de um palco, de ser aplaudida, de ter as luzes focando-a. Conquista a tão sonhada independência que almejava, desvencilhando-se em partes de Senhora, pois mesmo tentando, não consegue. Soledade faz parte dela mesma, sua mãe, mesmo sendo como é, não se torna menos importante. Ela conhece alguns homens na cidade por onde passou. O mais interessante de se observar nisso é que Dôra, tendo seus princípios e sendo realmente uma mulher escrupulosa, não se deixou envolver por aqueles que conheceu, todos eles interessados em estar com ela por pouco tempo. Dôra queria algo mais, queria alguém que a amasse de verdade, não como Laurindo, não também como Senhora. Queria poder amar e sentir-se amada, desejava reciprocidade. Sentia falta de amor e não de prazer. Queria alegria de verdade, estava cansada de dores, marcada, ferida demais.

A Companhia percorre todo o nordeste, e é em uma dessas viagens que Doralina conhece *ele*. Estavam em um bar, ela, Estrela e Seu Brandini, quando Dôra o viu. O interesse logo partiu dos dois lados, como Rachel mesmo narra, e Dôra confessa que desejou que aquele fosse o “homem de sua vida”.

Era Asmodeu, que ela refere-se apenas por Comandante, pois era o nome de um demônio. Chamava-o Comandante, pois ele trabalhava nesta função no navio em que viajou pelo rio São Francisco. Conheceram-se, apaixonaram-se. Estrela, Dôra e seu Brandini foram morar em uma casinha simples no Rio de Janeiro - a Mansão – onde, posteriormente, o Comandante foi também. Com o passar do tempo, o casal mudou-se, sustentando-se com o cargo de professor de tiro que ele possuía e seus contrabandos de mercadorias pequenas. O que mais marca o relacionamento conjugal deles é o amor que tinham um pelo outro, a confiança e a fidelidade. Dôra abriu mão de sua independência e da Companhia por ele, mas totalmente consciente do que estava fazendo. Pois entre o amor dele e o que ela tinha antes, o primeiro era muito mais importante.

Tiveram fases muito difíceis, tanto financeiras quanto emocionais. Comandante era um homem machista, cabeça dura, muitas vezes violento com Dôra e tinha muitos vícios. Às vezes bebia e ficava pior, mas Dôra, mesmo assim, continuou ao seu lado. Seus pontos negativos eram muitos, mas os positivos também. Era protetor, atencioso, percebia o que ela queria sem precisar que dissesse. Um dos episódios que marca essa atenção carregada ainda de paixão e encanto, como namorados, é quando Dôra conta-lhe que seu pai a chamava de “Doralina, minha flor”, e no dia seguinte o Comandante trouxe-lhe uma flor e disse-lhe a mesma coisa, passando a chamá-la assim quando estavam a sós, como ela gostava. Dôra havia encontrado, finalmente, aquele que era sua metade, que ela tanto buscou. Casou-se com Laurindo por falta de opção, mas ao estar com ele foi por amor, e de repente havia encontrado a sua felicidade, estava bem, estava satisfeita.

Seu Comandante adoeceu, tinha febre alta. Pensando que era apenas gripe, não deram muita atenção. Nos últimos dias, estava desesperada porque a febre não baixava, chamava médico, recorria à ajuda dos amigos, mas nada adiantava, pois quando o que é para acontecer acontece. Maria das Dores voltou para a fazenda, sem sua metade, mas voltou. Neste meio tempo, sua mãe já tinha morrido, e ela assumiu o lugar de Senhora.

Sentia-se perdida no Rio, lá era o lugar *dele*, mas sem o Comandante não havia sentido em permanecer lá, sozinha, onde não conhecia quase ninguém. Em Soledade havia a mesma solidão, mas era tudo dela, o lugar que sempre fora seu, e sem Senhora. Tinha o conforto de reconstruir a fazenda, que se encontrava em um estado deplorável, tratada com desleixo, pois não havia ninguém que organizasse. Fez de tudo, vendeu gado, plantou novamente o algodão, para que tudo fosse conquistado, mas sempre com o método de Senhora, com o jeito dela, pois “não sabia fazer de outra forma”.

Depois de tanto viajar, aprender, sofrer e amar, Doralina encontrava-se no mesmo lugar, e tudo com tal diferença que ela agora era uma Maria das Dores muito diferente. A vida ensinara muito a ela, e com suas alegrias e decepções viveu, viveu o máximo que pode, aproveitou o máximo que pode, e mesmo com a dor, soube reconhecer que o que podia e queria fez, e aquilo que mais desejava alcançou. Rachel utiliza de forma muito inteligente desta personagem como instrumento para dizer a seus leitores a essência de sua obra, que não é a busca de estabilidade financeira, nem de prazeres, mas que possui uma objetividade muito bonita referida ao que todas as pessoas no fundo sempre buscam, o amor. Muitas vezes ferindo, muitas vezes causando insegurança, muitas vezes trazendo felicidade, quem não tem o busca, quem o possui o conserva, quem já o teve sente saudades.

“Doer, dói sempre. Só não dói depois de morto, porque a vida toda é um doer.”

2º LUGAR | Instituto Estadual Cecy Leite Costa

Aluna: Jéssica Aline Moreira da Silva | **Turma:** 2º ano

Professora: Cheila Margarete Rapkiewicz

Rachel de Queiroz: A literatura no sangue e na alma

Aos 17 dias do mês de novembro de 1910 o mundo recebe quem, anos depois, seria a grande mestra das letras brasileiras. Na cidade de Fortaleza, Ceará, nasce Rachel de Queiroz, filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, tendo como bisavó materna a prima de José de Alencar, exímio escritor do Romantismo brasileiro. Dessa forma, a literatura além de estar presente na alma da futura escritora, estava também no sangue.

Assim como nos dias atuais os nordestinos são castigados pela seca, naquela época a família da jovem também precisou fugir da estiagem que afligia o Nordeste, transferindo-se para o Rio de Janeiro em julho de 1917. Fato que, posteriormente, seria tematizado em sua obra *O Quinze*.

Em 1921, Rachel ingressou na escola normal, onde se diplomaria em 1925 e em 1927, já formada como professora, com o pseudônimo de Rita de Queiroz, começou a escrever para um jornal. Três anos depois, em 1930, quando tinha apenas 20 anos, publicou seu primeiro romance intitulado *O Quinze*. Tratando dos flagelados e da pobreza nordestina, foi bem recebido pela crítica, tendo merecido comentários de intelectuais como Augusto Frederico Schmidt e Graça Aranha.

Por volta de 1932, colaborou como cronista para jornais e revistas, além de publicar uma série de traduções de autores como Jane Austin, Balzac e Dostoievski.

Em 1937, publicou o romance *Caminho de Pedra*. Dois anos depois, foi a vez de “As Três Marias”. Em 1948, suas crônicas foram reunidas na antologia “A Donzela e a Moura Torta”.

No teatro, a estreia da autora foi em 1953, com a peça “Lampião”. Em 1958, publicou “A Beata Maria do Egito”.

Em 1969, lançou “O Menino Mágico”, seu primeiro romance infanto-juvenil.

Em 1975, publicou o romance “Dora Doralina”. Dois anos depois, tornou-se a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Traduzida para diversos idiomas, tendo ainda livros adaptadas para o cinema e a televisão, Rachel de Queiros obteve amplo reconhecimento por sua obra. Em 1989, a José Olympio Editora publicou sua “Obra Reunida”, em cinco volumes.

Em 1992 escreveu “Memorial de Maria Moura”, romance que lhe trouxe diversos prêmios, entre eles o prestigiado Camões, dedicado ao melhor autor do ano em língua portuguesa.

Rachel de Queiroz - Faz parte da 2.^a Fase do Modernismo Brasileiro, a chamada Geração de 30. Suas obras despertam emoções e levam o leitor a refletir sobre sua existência, compartilhando momentos de intenso sentimentalismo, envolvendo-se com a personagem como se ela fizesse parte de sua própria vida.

Em seu quarto romance, As três Marias, a escritora aprofundou ainda mais um tema que já estava presente em todas as suas obras anteriores: o papel da mulher na sociedade.

A leitura da obra proporciona intensa emoção, desde o princípio. Ao ler as primeiras linhas, senti vontade de colocar Maria Augusta, a protagonista da história, no colo, abraçando-a apertado. **A menina** perde a mãe muito cedo. O pai casa novamente e a madrasta, apesar de tratá-la decentemente, decide mandá-la para um internato, um colégio de freiras no Ceará, dando início a história.

Como toda novata em um ambiente desconhecido, Maria Augusta sofre os olhares curiosos e os comentários das veteranas. Tímida, envergonhada e pouco comunicativa, a garota sente-se sozinha, abandonada pelo mundo e pela família, sem amigos, sem lar, sem o amor que tanto necessita.

É no internato que ela passará grande parte da história - seu fim de infância e começo da adolescência, isolada do mundo lá fora, que lhe parece um sonho irreal, um planeta distante do qual apenas ouve falar. É-lhe negada a oportunidade de ver ou conhecer. A tristeza e a solidão imperam em sua triste sina. Sua única companhia, seu conforto momentâneo são as lágrimas, como se pode comprovar no fragmento a seguir:

Na cama - tudo calado - (...) minha tristeza afinal explodiu, e chorei, chorei até esgotar todos os soluços, todas as lágrimas, chorei até dormir, exausta, desarvorada, rolando a cabeça dolorida, sem repouso, no travesseiro quente e duro. (p. 17)

Nos pátios do colégio, Maria Augusta conhece Maria da Glória e Maria José de quem se torna amiga inseparável. O trio ganha de seus colegas e professores o apelido de “as três Marias”. À noite, deitadas na grama e olhando para o céu, as meninas se reconhecem na constelação com a qual dividem o nome. A estrela de cima é Maria da Glória, resplandecente e próxima. Maria José se identifica com a da outra ponta, pequenina e trêmula. A do meio, serena e de luz azulada, é Maria Augusta - ou simplesmente Guta, como sempre preferiu ser chamada.

Durante a leitura, acompanha-se o desenvolvimento dessas três meninas, suas fantasias sobre o mundo lá fora, as dores, as decepções de vidas inexperientes, privadas de conhecimento exterior. O único amor que conheciam era dos livros, dos romances franceses que entravam às escondidas no colégio e passavam de mão em mão.

Compartilhavam não apenas o tempo e as ideias, mas também amores... Maria da Glória, que aprendera a tocar violino com o falecido pai, tem a oportunidade de tocar com a orquestra do teatro local. É lá que conhece e se apaixona pelo “*moço estrangeiro*”, seu primeiro amor, dividido e experimentado com a mesma intensidade pelas amigas.

Ele começou a namorar com Glória, logo que entendeu os olhos com que o olhava, e foi como se nos namorasse a todas, porque todas a três começamos a amá-lo, embora Maria José e eu nunca o tivéssemos visto. (p. 58)

Mas o tempo passa, elas crescem e a vida fora do convento não é tão surreal quanto parece. O peso de ser gente grande é duro de carregar. O destino as leva para direções diferentes. Glória casa bem e logo é mãe. Maria José casa com sua religião, enquanto leciona para crianças. Guta recusa-se a virar empregada da própria família, muda para a capital e vira datilógrafa, tem sede de aventuras, quer novas experiências e encontra um pouco de carinho nos braços de um homem judeu, envolvimento que resulta em uma gravidez mal sucedida, que culmina com um aborto espontâneo e o final do relacionamento.

A história dos personagens secundários tem início e fim breves, com duração de um único capítulo. Para mim, esse foi um detalhe importante na obra de Rachel de Queiroz, capaz de prender minha atenção, pois não precisei esperar ansiosamente, durante longos capítulos, para saber como seria o final de um fato.

O cenário nordestino como pano de fundo permitiu-me conhecer novos lugares, além dos hábitos e experiências de um povo simples.

O sertão de Juazeiro, as viagens de ônibus por aquelas estradas de terras áridas, cactosas, foram um passeio surpreendente através do mundo da imaginação, permitido somente através da leitura, a qual não requer grande poder aquisitivo, vestuário adequado ou uma companhia nem sempre disponível, solicita apenas tempo e entrega total, entrega ao mundo do sonho,

da fantasia, do conhecimento de novas pessoas, de lugares inéditos, de vocabulários novos que poderão ser aproveitados em um trabalho de redação, por exemplo.

A escrita da obra é simples, narrada em primeira pessoa por Maria Augusta, o que permite que o leitor compartilhe seus sentimentos profundos, suas dores, suas curiosidades, fatos que a personagem não compartilha com Maria da Glória e Maria José.

É um livro delicioso de ler, leitura rápida e agradável. Guta demonstra força e iniciativa em muitos momentos decisivos em sua vida e passividade em outras tantas ocasiões. Talvez a inexperiência evita que ela quebre o ciclo, tome o próximo passo. É como se ela não acreditasse nela mesma e deixasse as coisas correrem... A vida levar.

A história é um relato de verdadeira amizade, com seus elementos principais: companheirismo e lealdade, fazendo-nos refletir que sozinhos não somos nada nem ninguém. Ter um amigo verdadeiro é fundamental para viver e não, simplesmente, existir.

Demais resenhas selecionadas

Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves

Aluna: Camila Ferraz Bortolini | **Turma:** 2º ano

Professora: Flávia Corazza

Memorial de Maria Moura – Rachel de Queiroz

Era dor, o único sentimento que Maria Moura poderia sentir, diante do corpo de sua mãe suspenso do chão, rosto roxo, irreconhecível. A partir daquele momento, Maria soube que estava sozinha, pois já havia perdido o pai na infância e agora o sofrimento havia se tornado irremediável. A dor corria por seu corpo e se transformava em lágrimas, que lhe cortavam o rosto, doíam. Não existem palavras para nominar esta dor.

Órfã e ainda menina, teve de enfrentar o interesse de seus primos perante a herança da terra de seus pais. Cercada por ganância, Maria incendeia sua casa e foge com um grupo de homens, dando adeus àquela vida, deixando tudo para trás, disposta a enfrentar qualquer desafio para sobreviver.

Estava no ponto mais alto da hierarquia do bando que havia formado com alguns homens de sua confiança. A garota havia se tornado guerreira, deixando para trás quaisquer características de menina, agora usava roupas masculinas, passou roubar, e mandou matar seu padrasto que a molestava, quando ainda adolescente. Morte meritória, pois tal homem fez com que se sentisse fraca, insignificante e impotente. Ela mostraria para todos que era absolutamente o contrário do que aparentava, nem que para que isso acontecesse, tivesse que mandar matar um a um.

Maria cresce mulher forte. É temida e bem-sucedida, aumenta seu bando com alguns escravos fugitivos e com o Padre José Maria, que estava fugindo de seu passado de pecados com uma mulher casada. Bela é a mulher por quem Padre José Maria se deixa apaixonar, nele foi despertado um sentimento novo, uma atração a qual ele não conhecia, e esta o envolveu completamente, deixando de lado conceitos cristãos.

Mesmo tentando ir contra o pecado, Bela era irresistível para ele, entregou-se e ela engravidou, contudo, esta criança não chegou a nascer, foi vítima da crueldade de Anacleto marido de Bela, que insensível e cruelmente esfaqueou a mulher grávida de outro homem, matando ela e a criança inocente. O sangue, o desespero, o grito, a dor, nada o impediu de cravar a faca inúmeras vezes dela, sem ressentimento. Era o puro ódio que tomou o corpo de Anacleto.

Padre José Maria perdeu seu único amor, as únicas pessoas que poderia amar incondicionalmente partiram, deixaram-no vivo, porém, em pedaços. Depois de perder tudo o que tinha – Bela, seu filho e a reputação na igreja - partiu em busca de Maria Moura que o acolheu em seu bando e agora recebera o nome de Beato Romão.

Os primos de Maria Moura eram gananciosos e mesquinhos, porém, entre eles havia uma mulher em que Maria confiava, Marialva, sua prima a quem destinou sua herança. Marialva foge de seus irmãos para casar-se com Valentim, um artista circense, atirador de facas. A fuga prospera, se casam e tem um filho, Alexandre.

Tinha conquistado tudo o que queria, respeito, poder e autonomia, mesmo num tempo em que a sociedade ainda era patriarcal, onde o preconceito e a superioridade masculina eram pontos bastante expressivos no sertão brasileiro. Diante deste tema, a obra passa a ter um poder atemporal em relação ao poder feminino, a não submissão e o destaque à capacidade das mulheres.

Brava, bravíssima mulher, Maria não sabia, mas ainda tinha dentro do si aquela menina frágil que fora esquecida anos atrás e alguém a faria lembrar disto. Cirino, homem dono de lindos olhos claros, os quais hipnotizaram aquela menina que, há anos, não sentia amor, aquela menina que fora deixada de lado por tanto tempo agora brotava d'alma entregue ao amor, entregue à paixão. Abre-se como manacá, que estava no escuro, mas agora o sol chegara e não havia motivos para continuar fechado e faz-se frágil e vulnerável novamente, mas agora tinha Cirino ao seu lado e isso lhe passava segurança.

O que ela não esperava era a traição de Cirino, aquele a quem ela entregou todo o seu amor, tinha jogado fora, sem piedade. Sentiu o misto de raiva, vergonha, humilhação e a velha dor que desta vez tinha vindo com maior intensidade, rasgando seu peito, as lágrimas que caíam e faziam com que todos esses sentimentos fossem aumentados. A sensação era de que eles nunca passariam. Mas entre esses, outro sentimento foi despertado, o desejo de vingança. Maria mandou matar Cirino e assim foi feito. Doeu nela saber que seu amado havia morrido, entretanto, esse era o certo a se fazer.

Ressurge a mulher guerreira, pois a menina Cirino destruiu, esta não iria mais voltar. Maria parte para lutar com um inimigo superior, destemida. Seu destino final não foi narrado, mas foi disposta a lutar, mesmo podendo morrer, mesmo podendo viver.

Escola Estadual de Educação Básica Monteiro Lobato

Aluna: Gabriela Steiimann DeMarchi | **Turma:** 3º ano

Professora: Marilene Grapiglia Zeni

Rachel de Queiroz nasceu no dia 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará. Era parente de José de Alencar, por parte materna. Os Queiroz residiam em Quixadá. Teve participação no Partido Comunista do Ceará e, em 1967, passa a integrar o Conselho Federal de Cultura. Formou-se professora em 1925, trabalhou em jornais, como O Ceará, e revista, como O Cruzeiro. Entre suas obras estão “O Quinze”, “As Três Marias” e “Dôra, Doralina”. Alguns de seus romances originaram novelas da Rede Globo e muitos foram traduzidos para outros idiomas. Tornou-se, em 1977, a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras. Rachel de Queiroz faleceu no dia 4 de novembro de 2003, dormindo em sua rede.

Seu primeiro livro foi “O Quinze”, onde o tema está relacionado à terrível seca que aconteceu em 1915. Fato este que fez sua família transferir-se para o Rio de Janeiro. Em 1930, Rachel precisou fazer repouso, por causa de uma congestão pulmonar, e resolve escrever o livro. Este foi elogiado por Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade. Os primeiros mil exemplares foram publicados em agosto daquele ano. Com o dinheiro das vendas, conseguiu pagar o empréstimo concedido pelos pais para a edição do livro.

O livro relata a história de Conceição, Vicente e Chico Bento e sua família. Conceição estava de férias e morando com sua avó, Mãe Nácia, numa fazenda em Quixadá. Lê muitos livros, alguns feministas, dos quais sua avó não gostava. Vicente é seu primo, um homem rude, criador de gado e com jeito selvagem. Ele tinha um irmão que era graduado e culto. Embora sua família possuir dinheiro e querer que ele tenha uma formação acadêmica, ele não queria. Preferia a vida livre do agreste. Seu rebanho sofria com a seca, como tudo na região.

O vaqueiro Chico Bento trabalha na fazenda de Dona Maroca, localizada em Quixadá. A seca faz com ele e sua família, a mulher Cordulina e os cinco filhos saiam numa viagem por aquela terra seca, sem vida, sem alimento. No caminho, um dos filhos some e outro, Josias, morre envenenado depois de ter comido mandioca crua. Chegam a um campo de concentração, onde estavam alojados os retirantes. Conceição estava lá ajudando as pessoas. Eles se encontraram. Chico Bento e sua família estavam magros, mal vestidos e com fome e sede.

Manuel, ou Duquinha, um dos filhos de Chico Bento e Cordulina, era afilhado de Conceição e Vicente. Seus pais o doaram para Conceição, pois Duquinha estava doente e não podiam o levar na viagem ao sudeste. Chico Bento e sua família, agora Cordulina e só os dois filhos restantes, partiram, de trem, na classe econômica, para São Paulo, em busca de *urna* vida melhor. Tempos depois, Duquinha recuperou a saúde.

Conceição não queria se casar. Acreditava que nascera para ser solteirona. Dedicava-se ao Duquinha e a ajuda no campo de concentração. Quando Vicente a visitava, ela não lhe dava muita atenção. Conceição, às vezes, pensava em Vicente; igualmente ele para com ela. Apesar de um gostar do outro, eles não ficam juntos.

O livro “O Quinze” possui uma linguagem cotidiana, simples, com falas marcadas. O sotaque nordestino, da região onde ocorre a história. Algumas palavras e expressões que são do Ceará, como “mode fazer alguma coisa”, aparecem no texto. A autora transfere sua vivência, fala, sentimentos e pensamentos do lugar onde nasceu e viveu para a história. Esse tipo de linguagem foi um dos motivos que contribuíram para o sucesso da obra.

Rachel de Queiroz aborda um tema que marcou sua vida: a seca de 1915. Os personagens da trama, direta ou indiretamente, sofrem com a seca, que os envolve num enredo de escolhas e dificuldades. Basta perceber a maneira que Rachel de Queiroz introduz a seca e o desenvolver da história. Mãe Nácia ora aos santos, pedindo que façam descer chuva em alguns dias, mas Conceição estava desacreditada. O rumo da vida de Chico Bento mudou depois que a seca chegou, tendo ele que deixar sua terra. A autora teve de deixar, junto com a sua família, o lugar onde vivia.

Esta obra pode ser vista como um relato da seca e o amor que não avançou-Conceição e Vicente. A autora não mostra um culpado para a falta de chuva, apenas mostra o que acontece durante tempos de seca, o que muitas famílias fazem para sobreviver e o que enfrentam. Os encontros e desencontros e os pensamentos de Conceição e Vicente acontecem no meio daquela época difícil.

Escola Estadual de Educação Básica Monteiro Lobato

Aluna: Vanessa Pansera | **Turma:** 3º ano

Professora: Marilene Grapiglia Zeni

“O Quinze”

Rachel de Queiroz nasceu em 1910, em Fortaleza - CE. Em 1917, ela e seus pais se mudam para o Rio de Janeiro, fugindo da terrível seca de 1915, que foi o tema, mais tarde, do livro “O Quinze”. Após alguns anos, em Quixadá, Rachel formou-se professora. Depois disso, começou a ler constantemente, o que a estimulou a escrever seus primeiros textos. A escritora, então, começou a escrever artigos para jornais. Em 1931, Rachel

conheceu integrantes do Partido Comunista, ajudando a fundar esse. Mais tarde, porém, rompe com o mesmo, por censurar o livro “João Miguel”, a escritora, então acredita, que eles não têm autoridade para isso.

Em 1937, teve livros queimados junto aos de outros autores sob a acusação de serem comunistas. Em 1964, apoiou a Ditadura Militar, sendo, também, a favor do destono do então presidente João Goulart.

A escritora foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras em 1977. Após ganhar o posto, ocorreram muitos movimentos feministas e Rachel declarou que havia entrado na Academia por seu talento e não apenas por ser mulher, causando, de certa maneira, um impacto.

Rachel de Queiroz foi uma grande escritora, a acrescentar em sua história, teve também, vários romances traduzidos. O romance “Memorial de Maria Moura” recebeu uma adaptação para a Rede Globo de Jelevisão em 1994. Lançou sete romances, além de sua “Obra reunida” (1989) que contitodos seus livros lançados até então, quatro livros de literatura infanto-juvenil, cinco teatros, catorze crônicas, três antologias e mais de sete livros em parceria.

O livro “O quinze” fora baseado na seca de 1915, que fez parte da infancia da autora. Mostra a luta das pessoas contra a demasiada miséria existente devido à falta d’água. Foi o primeiro romance da escritora, ela o publicara aos vinte anos de idade e foi o que “impulsionou” sua carreira. Esse livro ocasionou grande repercussão e trouxe reconhecimento a ela.

Esse romance conta a história, por um lado, de Chico Bento e sua família, e por outro, de Conceição e Vicente que são primos, porém carregam afeição um pelo outro. Chico Bento era vaqueiro na fazenda de Dona Maroca. Devido à seca, acabou por perder seu serviço. Essa lhe disse, que se não chovesse até o dia de São José seria para largar toda a criação já que seria em vão continuar a dedicar-se.

Devido a isso, Chico Bento é obrigado a ir buscar algo melhor em outro lugar, uma vez que, não havia mais serviço. Começa então uma viagem sofrida com sua família. Encontram muitas dificuldades no caminho.

A fome foi tanta que ocorreu uma tragédia; Josias, um dos filhos de Chico, com muita fome, distanciou-se dos demais no caminho e com certa dificuldade arrancou um pedaço de mandioca do chão, roendo-a crua. Ao notarem sua falta foram procurá-lo, pouco tempo depois de encontrarem-no, o menino começou a passar mal e acabou por contar o ocorrido. Um médico chegou a examiná-lo, mas deu a má notícia de que ele não aguentaria.

Certo dia, o vaqueiro no auge de sua fome e desespero em alimentar sua esposa e seus filhos, deparou-se com uma cabra aparentemente perdida, sem titubear a matou, porém, após isso, apareceu o dono do animal que lhe tomou toda a carne e o insultou de ladrão e descarado à cima. Chico suplicou um pedaço de carne falando-lhe de sua miséria, mas o máximo que recebeu foram as tripas do animal.

Enquanto isso, Conceição convenceu sua avó, Mãe Nácia, a sair da fazenda onde moravam, para ir a um lugar melhor. Conceição era professora

e adorava ler. E em determinados dias, ia ajudar a distribuir alimentos, entre outros, no Campo de Concentração onde ficavam os retirantes (sempre magros e famintos). Vicente, seu primo, era um homem determinado, nada lhe tiraria de sua terra, dedicado, ele não desanimou em cuidar do gado, esforçando-se ao extremo. Cnte, como era chamado, tinha fé de que logo logo choveria e que seria recompensado por tamanha dedicação.

Conceição, certa vez, no Campo, encontrou-se com uma velha conhecida, qual lhe falou a respeito de seu primo e jnsinou que o mesmo teria “arrastado asas” a uma rapariga da terra onde viviam, tal informação fez com que a professora rejeitasse seu primo em uma visita em que mais tarde o mesmo veio a fazer

Além da perda de seu filho Josias, Chico Bento, numa certa noite das quais dormiram, ele e sua família, ao relento, ao acordar sentiu falta de outro de seus filhos. Esse, teria ffigido. Já sem dois de seus filhos, Cordulina, esposa de Chico, já sentia-se como se não vivesse.

Depois de tão longa viagem, o vaqueiro e os seus, chegaram ao Campo. Tempo depois, encontraram-se com Conceição que quase não os reconheceu. A professora era madrinha de um de seus filhos, e, dias depois, disse a Cordulina que gostaria de criar seu afilhado, já que este estava muito maltratado pela fome. A mulher então conversou com seu esposo e depois de dizer-lhe que seria melhor a seu filho ele acabou por concordar.

Tentando ajudar àquela família, Conceição, teve a idéia de que Chico e sua família (o que restara dela) fossem para São Paulo, tentar uma vida melhor longe daquele cenário de miséria em que vários já haviam perdido sua vida por causa da fome.

Enfim, depois de meses e meses que passaram naquela seca foram abençoados por uma chuva, que ia “ressuscitando” tudo em todo lugar que passava. Chico Bento foi a São Paulo tentar uma vida melhor. Vicente continuou vivendo a seu modo. Conceição ficou com seu afilhado, cuidando-o e lhe dando todo seu amor (ele fora como o filho que não teve).

Esse livro mostra problemas de questões ambientais e, principalmente, sociais a fim de expor a importância da solidariedade para superar perdas, materiais ou sentimentais. Rachel de Queiroz foi “A Grande Dama Brasileira das Letras”. Sua pessoa trouxe à tona que para ser bem sucedido é de extrema importância que se tenha conhecimento e, acima de tudo, que é necessário desenvolvê-lo. A capacidade de pensar deve ser desenvolvida.

A autora deixou um vasto número de livros, que podem agradar a todas as gerações, uma vez que, desenvolveu várias modalidades de escritos e todos sempre com muita eficiência e inteligência. A escritora, com certeza, deixa bons exemplos de competência, e, apesar de certa vez afirmar que não gostava de escrever e somente o fazia por obrigação (e para sustentar-se) nunca deixou a desejar quando a questão era: escrever.



Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves

Aluna: Gabriela Foppa Pulga | **Turma:** 2º ano

Professora: Flávia Corazza

João Miguel

Na obra publicada em 1933, após sua grande estréia com o romance *O Quinze*, Rachel dá um tom de comédia à obra *João Miguel*, sem perder o clima romântico que anos depois mostrou ser uma de suas especialidades. Todo o enredo passa-se no nordeste brasileiro, e os personagens têm visivelmente o típico jeito sertanejo de ser. O protagonista é preso depois de cometer um assassinato. Após embriagar-se com cachaça, o que para ele era uma espécie de remédio, envolve-se numa briga e perfura a barriga de um sujeito que ele sequer sabia de quem se tratava. A verdade é que a vida de João Miguel nunca foi fácil. Órfão, ele viveu desde pequeno perambulando pelas estradas, vendendo bugiangas com comerciantes, e tendo contato com a bebida desde sempre.

A partir daí começa uma nova fase da vida do personagem, por vezes surpreendente, por vezes tediosa. João começa a pensar na consequência de seu ato, e descobre a amargura de ter ceifado a vida de alguém. Entre momentos de intensa dor e tristeza, ele por fim acaba aceitando o que o destino lhe reservou, ou seja, viver ali, engaiolado até que o juiz decida seu caminho. Pouco a pouco ele começa a se poupar do remorso, e não mais pensa no ato cometido.

O grande destaque a história vai para o cotidiano carcerário, que João examina minuciosamente, reparando nas pequenas coisas ao seu redor. A rede suja, a presa que tinha um bebê, a mulher bêbada, a cozinheira e principalmente sua amada Santa, são objetos de estudo, o que faz o personagem aprender a ler no rosto das pessoas o que elas estão passando.

Logo que João foi preso, Santa mostra-se extremamente disponível e atenciosa ao companheiro, levando comida e conforto, porém o cenário vagarosamente muda. Santa começa a ter um caso com o cabo Saiu e João logo percebe sua mudança de comportamento. Alheio ao mundo fora das grades, o preso passa seus dias ouvindo conversas, e podendo até transitar solto dentro da cadeia. Trançando chapéus de palha, a vida ficava menos sufocante, para alguém que sempre tinha de observar o sol nascer quadrado.

Após descontar suas mágoas em Santa, dia após dia, devido à suas desconfianças que mais tarde ele descobre serem verdadeiras, ela não mais volta, o que o força a aprender a virar-se sozinho, viver independente de estar sadio, doente, feliz satisfeito ou faminto.

Vendo o lado de Santa na história, percebemos que ela não passa de uma mulher confusa, que acaba com um namorado preso e vivendo com uma velha senhora. Dá-se então ao luxo de viver a paixão com Saiu. É claro que ela sente remorso por abandonar João daquela forma na cadeia, e por

isso tenta esconder dele o romance. Mas João não deixa-se enganar por seus sentidos, e com suas palavras duras à escorraça de lá.

A vida limitada a paredes de concreto toma-se enfim o habitual de João, que passa os dias esperando pela filha beata de um coronel, Angélica, que nunca perdia uma missa, e lhe trazia por conforto uma palavra cristã. Certo dia depois de ganhar cachaça da cozinheira, ele revela o fino laço de sentimento que seu coração nutria pela beata. Um sentimento que pode não ser considerado amor, mas sim afeto, carinho, já que eia era a que lhe escutava e lhe encorajava com as palavras de um senhor que ele nem sabia direito quem era. Que ele muitas vezes duvidava, mas que lhe deu a mão amiga bem no íntimo de sua alma, ajudando-o a suportar uma vida que ele nunca imaginou ter. Ela, claro, não levou à sério as palavras do embriagado, tendo em vista que ela era a única mulher que lhe dava bola e logo no dia seguinte ele trata de se desculpar com ela.

A vida numa prisão/delegacia pobre do nordeste parece ser a pior das coisas que um ser humano pode passar, mas a verdade é que João aprendeu a tirar proveito desta situação. Aprendendo com cada pessoa que teve contato, contando sua história e ouvindo muitas outras, podendo caminhar dentro do ambiente mas sem poder chegar até a porta. Observar as misérias do ser humano toma-se o livro que ele não teve em escola nenhuma.

Logo ele vai a julgamento, e sem esperanças, prepara-se para passar mais uma temporada no hotel que não o deixava ver a luz do sol sem a fôrma quadriculada. Depois de considerado inocente por não estar são na hora do crime, ele aprende que mesmo as flores que crescem em meio à calçada podem ser belas. Olhando bem para o santinho no seu bolso, lá vai ele a caminhar, respirar o ar puro do dia. Ele começa a pensar numa nova forma de viver. A experiência do personagem contada com perfeição pela autora nos mostra uma realidade presente ainda nos dias de hoje. Não são poucos os presidiários que se obrigam a buscar novas maneiras de viver, nem sempre por falta de opção, e sim por terem convivido com tamanha aflição dentro do cárcere à espera de dias melhores que nem sempre chegaram.

13.3 Análise de Crônicas

A Crônica é um texto curto que permite quase tudo. Pode-se brincar, criticar, pode ser um texto atrevido, profundo ou superficial. Rachel gostava de escrever sobre o cotidiano. Através da crônica contava casos verdadeiros e acontecimentos que pessoas ligadas a ela viveram. Ela conseguia imprimir seus sentimentos mais íntimos nas suas crônicas, sentimentos esses ligados à família, aos filhos, aos netos. As crônicas em que fala da sua vida são comoventes pela veracidade e honestidade com que descreve suas paixões e seus desejos. No total foram quase duas mil crônicas escritas nos seus mais de sessenta anos de carreira literária. Dentre as eleitas para análise pelos alunos do Ensino Médio de Passo Fundo, eis aqui as selecionadas:

1º LUGAR | Instituto Estadual Cecy Leite Costa

Aluno: Luis Henrique Paixão | Turma: 2º ano

Professora: Cheila Margarete Rapkiewicz

Reflexões a partir de obras de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz nascida em Fortaleza, Ceará, em 17 de novembro de 1910 e falecida aos 4 dias do mês de novembro de 2003, no Rio de Janeiro, foi uma tradutora, romancista, escritora, jornalista e importante dramaturga brasileira.

Autora de destaque na ficção social nordestina. Foi primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1993, foi a primeira mulher recompensada com o Prêmio Camões, equivalente ao Nobel, na língua portuguesa. É considerada por muitos como a maior escritora brasileira.

Suas obras são tantas e de tamanha importância que se torna difícil analisar ou escolher a melhor.

Traduzida para diversos idiomas, tendo ainda livros adaptadas para o cinema e a televisão, Rachel de Queiroz obteve amplo reconhecimento por sua obra.

Uma de suas obras que despertou minha atenção, fez com que eu refletisse e sentisse vontade de escrever algumas linhas foi a coleção de crônicas reunidas no livro *Cenas brasileiras*, uma leitura agradável e prazerosa - o próprio nome já diz - para gostar de ler.

Num clima de deliciosa conversa com o leitor, Rachel de Queiroz desfia nas crônicas reunidas neste livro histórias divertidas, tristes e curiosas da gente brasileira. Crianças que descobrem o mundo, adultos que lutam pela sobrevivência sem abrir mão de seus sonhos, casos curiosos que divertem e atitudes inesperadas que dão o que pensar. Rápidos flagrantes da nossa realidade na voz de uma das maiores escritoras do Brasil.

O livro *Cenas brasileiras* é um retrato sensível e comovente do Brasil, traçado em 25 belas crônicas. Com sua prosa leve, Rachel prende o leitor, que não consegue mais parar de ler. A leitura provoca inúmeras reflexões e faz o público interromper um pouco sua vida agitada e tensa para pensar nos problemas enfrentados por brasileiros tão distantes, mas, ao mesmo tempo, tão próximos de nossa realidade.

Meu interesse pela leitura de crônicas se deve em ser um gênero totalmente incorporado à vida diária, portanto, capaz de captar os acontecimentos mais banais decorrentes da sociedade.

Embora, a obra de Rachel tenha sido escrita no século passado, o que para muitos a torna ultrapassada e retrógrada, os temas tratados envolvem assuntos totalmente atuais, fazendo com que essa rotulação se desfaça no decorrer da leitura.

Dentre as crônicas deste livro, foi difícil escolher apenas uma para comentar, pois todas são tocantes, algumas pelo tom divertido, outras por despertarem profundos sentimentos e reflexões. Como eu creio que a leitura tem como função principal despertar a emoção do leitor, optei por fazer uma releitura da crônica *A seca*. Nela há uma intensa relação entre a fome, a necessidade e a violência.

Um homem entra, sem pedir licença, na propriedade de um fazendeiro para comunicá-lo que havia roubado e sacrificado uma de suas cabras para saciar a fome de sua família, que estava alojada nas proximidades da casa. Além de roubar, o indivíduo ainda tinha a audácia de querer negociar o couro do animal por dinheiro ou farinha para completar a refeição.

Logicamente, essa atitude atrevida despertou a indignação do proprietário da fazenda, que o acusou de roubo e quis impor sua autoridade. Porém, o visitante, sem arredar pé do local, nem demonstrar qualquer perturbação com as acusações, voltou a manifestar, de forma veemente, seu desejo, alegando que suas ações eram decorrentes da fome que assolava sua família. Depois de muito relutar, o fazendeiro decidiu atender ao desejo do indivíduo, dizendo que entregaria a farinha por pena das crianças que passavam fome.

O motivo que movia o pedinte, fazendo com que ele lutasse com todas as forças para ter seu desejo atendido nada mais era do que a fome. A carência por alimentos permitia que ele saqueasse a propriedade alheia e que usasse, até, da violência, se necessário fosse. Afinal, a fome permite qualquer atitude para não acabar na morte da sua família.

Esse texto, além de me permitir refletir intensamente sobre os problemas que afligem a sociedade brasileira, serviu de inspiração para que eu criasse uma releitura dessa crônica, escrevendo um diálogo entre um assaltante de uma propriedade e o dono do local. Um texto simples, mas que pode intensificar as reflexões deixadas pela crônica da saudosa Rachel de Queiroz.

Crime

- E então, como você justifica suas atitudes? Questiona o comerciante.

- Eu estava com fome! Justifica o saqueador.

- Isso não explica roubar a propriedade alheia. Repreende o proprietário.

- E o que você pensa que eu deveria ter feito? Interroga o meliante. - Simplesmente desistir e morrer de fome?

- Você poderia pedir por um prato de comida. Sugere o homem.

- Mas você já percebeu como as pessoas se comportam atualmente? Elas nos negam um alimento, evitam-nos nas ruas, viram a cara para quem não dispõem de condições financeiras. Dispara o invasor.

- Não são todas assim! Você por acaso sabe se quem você roubou não precisava da comida tanto quanto você? Quis saber o dono do local.

- Não confirmo que minhas ações sejam corretas, mas, na minha situação, você faria diferente? Revida o rapaz.

- Ahm... Bem, não é essa a questão. O fato é que agora você deverá pagar pelos seus atos. Afirma o lesado.

- Se fazer o necessário para continuar vivo for crime, eu sou, de fato, culpado. Declara o assaltante,

- Crime é roubar e ir além de seus direitos. Fala o assaltado.

- Mas a constituição afirma que eu devo fazer o mínimo para viver dignamente. Então, eu pergunto: - Isso não é um crime contra a humanidade? Defende-se o saqueador.

- Sob esse ponto de vista sim, porém é irrelevante agora, diante de seus atos. Nossa conversa se encerra aqui. Afirma a vítima, que se afasta do suposto assaltante e deixa-o sair impune.

Essa foi uma conversa que fez o dono da propriedade refletir sobre suas ações e suas concepções de certo ou errado, revendo suas definições e repensando suas atitudes.

Deixo para o leitor refletir se suas percepções sobre alguns fatos são realmente pertinentes ou não passam de imposições colocadas pela sociedade, que afirma que quem rouba para comer não tem direito à defesa e quem rouba milhões do povo para ampliar sua propriedade ou adquirir um novo bem sai impune e ileso.



2º LUGAR | Instituto Estadual Cecy Leite Costa

Aluna: Letícia dos Santos de Lucchi | **Turma:** 2º ano

Professora: Cheila Margarete Rapkiewicz

Cenas brasileiras: a vida como ela é

Rachel de Queiroz é, indubitavelmente, uma das maiores escritoras da literatura brasileira. Seu indiscutível talento comprova-se em sua eleição como a primeira mulher a ocupar uma cadeira na imponente Academia Brasileira de Letras, mesmo que para isso fosse necessária uma regulamentação no regimento desta instituição, antes composta apenas por integrantes do sexo masculino, os quais consideravam as obras redigidas por escritoras dotadas de emocionalismo e sentimentos fúteis.

Essa concepção a cerca da inconsistência das obras escritas por mulheres foi revista após a publicação de *O quinze*, além de outros escritos de Rachel, com personagens fortes e enredos cujo conteúdo denota uma preocupação social com o país e, sobretudo, com sua região, o Nordeste.

Ao relatar em suas obras temas inerentes ao Nordeste, principalmente a seca, a autora evidencia sua preocupação com as pessoas desta região. A tentativa de expor os problemas enfrentados por um povo simples, excluído por grande parte dos governantes brasileiros, demonstra não apenas uma escritora que compõem enredos e personagens, porém uma cidadã brasileira, ciente de seu dever de revelar a sina de pessoas sofredoras, necessitadas de ajuda e de atenção.

A seca, que fez com que em sua infância, a autora precisasse deixar sua terra natal com a família em busca de sobrevivência, é um tema constante em suas obras. Além de *O quinze*, livro que deu início a sua carreira e que aborda a estiagem ocorrida em 1915, muitas crônicas foram escritas com esse mesmo assunto.

Cronista emérita, Rachel publicou mais de duas mil crônicas, cuja seleta propiciou a edição dos seguintes livros: *A donzela e a moura torta*; *100 Crônicas escolhidas*; *O brasileiro perplexo*, *O caçador de tatu*, *Cenas brasileiras*, entre outros.

A leitura de crônicas de Rachel de Queiroz é um estudo em que se contempla sua capacidade de ser um gênero do cotidiano. Dentro de uma perspectiva mais específica, trata-se de uma abordagem de algumas crônicas da autora, cujo assunto principal é a seca e suas consequências, que vão da fome ao roubo e a violência passando, raras vezes, pela solidariedade.

A crônica analisada é “A seca”, publicada na obra *Cenas brasileiras*, da coleção para gostar de ler – Editora Ática, 1995.

Segundo o texto, uma família era afligida pela fome. Sem condições de financeiras para adquirir alimentos, o provedor decide acampar em uma fazenda, onde rouba e mata uma cabra para consumir sua carne. Entretanto, não havia nenhum acompanhamento para saborear o alimento e ele, sem hesitar, vai até a casa do dono do animal tentar negociar o couro por dinheiro ou um pouco de farinha.

No início da negociação, o fazendeiro fica perplexo com a proposta do assaltante, chamando-o de ladrão e ameaçando matá-lo. Porém, no decorrer da conversa, que já estava sendo acompanhada pelos empregados da propriedade, decide dar a farinha ao pedinte, com a condição de que ele deixasse o local assim que alimentasse a família. Sua alegação para ceder à ameaça do suposto assaltante foi compaixão das crianças que estavam famintas.

Ao ler a crônica, pensei, inicialmente, que o fazendeiro havia dado a farinha por comiseração às crianças. Mas essa leitura também proporciona outras reflexões. Um dos pensamentos que me ocorreu foi o comportamento do ladrão que, sem nenhuma vergonha ou arrependimento, foi chantagear a pessoa que havia roubado. Antigamente, roubar era motivo de desonra, quem furtava algo se redimia, pedia perdão, humilhava-se. Atualmente roubar é um ato comum, não significa infâmia, nem medo, nem remorso.

No caso da crônica, foi um roubo justificável: a fome, que obriga a pessoa a tomar atitudes extremas. Ver a família passando fome e não dispor de recursos para suprir a necessidade de alimentos é algo apavorante, que obriga a tomar atitudes insensatas como o roubo.

A fome exerce grande influência para que muitos ingressem na criminalidade. Ao ver a família chorando por não ter o que comer e não ter recurso algum para mudar essa situação, a única solução vista por alguns indivíduos é roubar para não ver os filhos morrendo por falta de comida.

Embora seja uma situação de difícil entendimento, deveríamos pensar que talvez essas pessoas não tenham outra escolha a não ser tomar essa atitude extrema, devido ao desespero em que se encontram. Não precisamos entender ou ter um conceito sobre como se criam assaltantes, o que temos de fazer é tentar buscar soluções para amenizar essa prática em nossa sociedade.

Na crônica a atitude do fazendeiro foi algo pouco possível nos dias de hoje: auxiliar quem lhe roubou. Na atual situação mundial é mais provável que alguém chame a polícia e mande prender o assaltante, sem ouvir qualquer justificativa, que estender a mão para alguém que nos prejudicou, mesmo por necessidade.

A solidariedade do fazendeiro e a atitude do ladrão provocam profundas reflexões. Talvez nem fosse por solidariedade que o proprietário da fazenda tenha ajudado o assaltante, pode ter sido por medo de sua expressão ameaçadora. Porém, o importante foi sua ação, mesmo sem saber exatamente o motivo que a originou. O fazendeiro auxiliou o necessitado, apesar de sua atitude desonesta e isso basta.

Nem todas as pessoas fariam o que ele fez, portanto não cabe a nós tentar julgar seus atos, a nós cabe apenas refletir como seria nossa atitude perante uma cena semelhante e agradecer por ter oportunidade de ler um texto tão bem escrito por uma das mais brilhantes mentes escritoras de nossa literatura. Afinal, são raros os textos que permitem reflexões tão intensas.

Mesmo sendo uma crônica redigida a muitos anos atrás, o tema é bastante contemporâneo, pois a violência e a fome ainda não foram abolidas de nossa sociedade, ao contrário, estão presentes em nosso meio com uma intensidade cada vez maior, com uma frequência assustadora e com certa veemência que faz com que o cidadão se torne prisioneiro em sua própria casa, cativo de uma sociedade violenta e faminta.



13.4 Poemas

Os poemas produzidos pelos jovens falam de Rachel, poeticamente. Como poeta, Rachel manifestou-se ainda antes de “O Quinze”, seu primeiro romance, escrito aos vinte anos. Nesse tipo de produção, usou linguagem moderna, sem o rebuscamento de seus contemporâneos. Seus poemas foram escritos de forma prosística e despojada, percebendo-se uma musicalidade própria da época limítrofe em que nossa homenageada nesse concurso, viveu, ou seja, entre o parnasianismo e o começo do modernismo. A poesia dela fala do sol abrasante, da seca e do cenário que mais amou, o Ceará. Conheçam mais sobre essa bela trajetória através das impressões poéticas de nossos estreados autores classificados nesse concurso:



1º LUGAR | Colégio Gama

Aluna: Luiza Castanho | **Turma:** 1º Ano

Professora: Margarete Rosa Tasca Coelho

Nascida em Fortaleza
Filha de um juiz
Precoce na leitura
Acompanha com desenvoltura
Os lançamentos além do Brasil.

Descoberta através de uma carta
Com pseudônimo de “Rita de Queluz”
Ironizando um concurso de beleza
Não sabia ela a grandeza
E suas palavras produziram luz .

Escrevendo sobre a seca
Um grave problema social
E uma luta secular
De um povo sofrido
Com o dinheiro emprestado
“O Quinze” foi publicado.

Ajudou a fundar o PC cearense
E fichada como “agitadora política”
Seu romance “João Miguel”
É censurado nos anos 30.

Teve os livros queimados em Salvador
Sob a acusação de ser subversiva
Detida ficou por três meses isolada
Porém não desencantada
De sua luta favorita.

Essa mulher não se calava
Usava como arma a palavra
Num universo predominantemente masculino
Sempre se destacava.
Dos 19 aos 90
Vários gêneros desbravou
Passando por romances, crônicas, teatro e poesia
Muito se dedicou
Escrevia para se sustentar, dizia
Seu sustento nos brindou.

Tomando como exemplo
A poesia “Geometria dos ventos”
Dizendo que a linguagem não respeita limites
É fluída e espontânea
E ao mesmo tempo elaborada
Logo parece lapidada
Aos ouvidos de quem a ouve ou lê.

Contando uma história
Delirante e exacerbada
Uma poesia fundada
No humano compromisso
Da prestação de um serviço
E um eterno legado.

Essa mulher “brasileira”
Membro da Academia
Homenageou a todos
Pelo valor que possuía.



2º LUGAR | Escola Redentorista Menino Deus

Aluna: Andréia Maccarini | **Turma:** 3º Ano - 301

Professora: Janaína Silva Chaves Gomes

A MÃE DO MODERNISMO BRASILEIRO

Escritora de grande audácia e dedicação,
com seus temas que vão além do coração.
Levando na bagagem cultura e um emocional
questionador do nosso mundo social.

Tem parente no ramo literário
mas, exulta com grandeza seu real cenário.

Cenário de dor, tristeza e sofrimento,
que conseguem impor o seu talento.

Em sua principal obra o assunto é evidente,
aborda a seca e a fome nordestina crescente.
Descrivendo uma dura e miserável realidade
a qual a vida não reservou oportunidade.

Além de temas de cunho social,
a autora preocupou-se em amparar o mental,
os traços psicológicos ganham destaque
e no contexto das narrativas sobressai seu curioso sotaque.

Esta mulher corajosa e persistente,
lutou para que a valorização feminina fosse abrangente.
Resultando em total aceitação,
que revela ao povo uma grandiosa virtude: a determinação.

Dizia, sempre, com palavras batidas, que não sabia escrever.
Mas, todos reconheciam seu poder.
Não o poder dos heróis, dos desenhos animados, muito menos o poder
político.
Mas, aquele poder de enriquecer e nutrir palavras, que se contrapõem com
seu crítico.

E o que falar de sua prosa inovadora?
Em prol de uma geração mais sonhadora.
Sonhos...Ah, os sonhos! Podemos imaginar, criar, amenizar os pêsames da
vida.
Sem ter receios de críticas, retirando as lástimas de uma alma ferida.

Com sua imensa força de vontade,
Tornou-se a primeira mulher a entrar para a imortalidade.
E a sua cadeira de número cinco, jamais será esquecida.
Pois nela, está contida: um exemplo de história de vida.

Assim, ela deixou marcas na literatura,
ultrapassando os limites da leitura.
Que vem consolidar a figura feminina
presenteando a mulher, em sua forma adulta e pequenina.

Já descobriu de quem estou falando?
As características estão aí, só não as deixe voando.
Vou lhe revelar: é a sábia Rachel de Queiroz
que um dia morreu dizendo, sua crítica a si mesma é a mais feroz.



Escola Redentorista Menino Deus

Aluno: Mateus Cosmann | **Turma:** 3º Ano - 301

Professora: Janaina Silvia Chaves Gomes

UMA DAMA PARA NÓS

A literatura sim teve uma Dama
que escrevia por precisar,
mas buscava criticar
a pobreza infama.

Nasceu com o Dom
de tudo querer,
por com seu Tom.

Refiro-me a ela sim,
uma escritora que retratava Nós
com o nome de Rachel de Queiroz.
Uma dama pra mim.

Iniciou a carreira cedo
escrevendo para jornais,
não tão informais
Mas, logo impôs medo.

Sua principal obra foi O Quinze
que veio mostrar
como o nordestino finge.

Mas, finge diferente,
mostrando a fome
de uma pessoa que não come
um povo sobrevivente.

Escreveu muitas peças
todas com muita preocupação
como a miséria do sertão
e a realidade de vida dessas.

Por isso buscava acima de tudo
com sua escrita marcante
retratar aquilo que era absurdo.

Morreu sendo uma inspiração
que trazia com seu regionalismo
um novo tradicionalismo
uma façanha para a nação.



Referência 3045.5202



Realização:



Apoio:

Prefeitura Municipal
de Passo Fundo

